



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V  
COLEGIADO LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

FÁBIO SOUZA SANTOS

**INCESTO E SEXUALIDADE EM HENRIQUE:**  
UM HOMEM QUE JÁ MORREU, MAS AINDA VAI NASCER

Santo Antonio de Jesus-Ba

2021

FÁBIO SOUZA SANTOS

**INCESTO E SEXUALIDADE EM HENRIQUE:  
UM HOMEM QUE JÁ MORREU, MAS AINDA VAI NASCER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade do Estado da Bahia- Departamento de Ciências Humanas/Campus - V, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carla de Quadros.

Santo Antonio de Jesus-Ba

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

Dados fornecidos pelo autor

S237i

Santos, Fabio Souza

Incesto e sexualidade em Henrique: um homem que já morreu, mas ainda vai nascer / Fábio Souza Santos. – Santo Antônio de Jesus, 2021.

57 fls.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Carla de Quadros

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas, *Campus V*. Colegiado de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas. Santo Antônio de Jesus, 2021.

Inclui Referências.

1. Ficção Baiana. 2. Henrique. Incesto. 3. Sexualidade. I. Quadros, Carla de. II. Título. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

CDD B869

FÁBIO SOUZA SANTOS

**INCESTO E SEXUALIDADE EM HENRIQUE:  
UM HOMEM QUE JÁ MORREU, MAS AINDA VAI NASCER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, Departamento de Ciências Humanas, *Campus V*, Universidade do Estado da Bahia como critério parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador(a): Professora Dr<sup>a</sup> Carla de Quadros.

Aprovado (a) em 13 /08 /2021

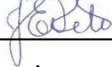
BANCA EXAMINADORA



---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carla de Quadros orientadora (orientadora)

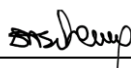
Universidade do Estado da Bahia - UNEB



---

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> João Evangelista do Nascimento Neto (Examinador)

Universidade do Estado da Bahia - UNEB



---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sineia Maia Teles Silveira (Examinadora)

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Santo Antônio de Jesus  
2021

Para minha mãe, dona Francisca, que me acolheu como filho.

## AGRADECIMENTOS

Já dizia o Maluco Beleza: “sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade”. Pois bem, neste momento gostaria de agradecer a todos aqueles que contribuíram, direta e indiretamente, para que o sonho deste ariano torto se tornasse realidade.

Gostaria de agradecer, antes de tudo, a minha orientadora, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carla de Quadros, minha referência profissional e humana. Eu tenho tanto a lhe agradecer, mas nem mil metáforas seriam suficientes para externar minha gratidão pelas contribuições e discussões acadêmicas, mas principalmente, por fazer me revisitar e crescer como indivíduo, como ser humano, por acreditar e apostar em mim;

Jueme Nascimento, obrigado por me apoiar, por me acolher e por fazer de tudo para que eu me sentisse bem e “em casa”, por todas as vezes que me deu deste colo e por escutar meus dramas; A meu compadre e minha comadre. Diego obrigado por sempre se preocupar, ligar para saber se estava tudo bem e o motivo dos meus sumiços, por ser o irmão que não tive;

Por falar em irmão, gostaria de agradecer a minha irmã, Fernanda, obrigado por todo cuidado, por, de certa forma, ser a responsável direta pela minha educação, por todas as vezes que foi à escola se informar como estava meu comportamento;

Obrigado a meu companheiro, Henrique, por aturar meu estresse, minhas crises de ansiedade nesses últimos meses, por compreender todas as vezes que me chamaste para assistir a um filme e ouviu um “não posso, tenho algumas coisas do TCC pra fazer”;

Ainda há tantas pessoas que tenho que agradecer! Muitos professores (as) contribuíram para o meu crescimento intelectual, para que eu pudesse chegar até aqui: Sinéia Telles, João Neto, Ana Cláudia Pacheco, Deije Moura, Maria de Lourdes (Florzinha), Maria Izabel, Lúcia Castro, Luciana Mariano;

Agradeço aos amigos que fiz ao longo desta jornada e que tornaram a caminhada menos árdua: Gabriela Assunção, Jaciane Santana, Evanilza Coni, Anne, Jucy, Eli, Everton, Paulinha, Jocelma, Verany Portugal, Jaqueline, Bruno Augusto, Junior Fontinely, Osmar, Valmir, Daniel, Kyra Ribeiro, Jonas Portugal, Chokito, Danilo Barreto, Lucas Silva;

Todos os funcionários e técnicos desta instituição, entre eles: Célia, Antônia, Raimundo, Luana, Sinésio, Andréia, Elen, Cris, Verônica, Dona Inês;

Enfim, quero agradecer aos amigos que fiz e que mantêm a coragem de gostar de mim, apesar de mim.

## RESUMO

O presente trabalho intitulado *Incesto e Sexualidade em Henrique: um homem que já morreu, mas ainda vai nascer*, resultante de pesquisa bibliográfica, visa refletir sobre a diversidade sexual e a respeito do incesto na obra *Henrique* (2001), escrito pela baiana Álex Leilla. Na ficção contemporânea, encontramos escritores que, através de sua escrita, rompem com as marcas centralizadoras e hegemônicas do cânone, convocando-nos a fazer reflexões sobre a diversidade sexual no âmbito do texto literário. Em se tratando de ficção baiana, destaca-se a escritora já citada, que traz em suas obras, como no romance em epígrafe, personagens que desconsideram o olhar do outro sobre si e se permitem ter relações com outros sujeitos do meio social, mesmo que esse outro seja o próprio pai. Pretendendo compreender como esses personagens, muitas vezes colocados à margem, vivem sua sexualidade, refizemos alguns percursos da literatura brasileira, para verificarmos como os sujeitos com suas diferentes identidade e subjetividades foram retratados nas páginas de obras que pertencem ao cânone brasileiro. Em seguida, discutiu-se sobre o conceito de homoerotismo a partir de Barcellos (2016), Camargo (2006) e García (2012), da mesma forma, como os indivíduos LGBTQIA+ são representados pelos escritores da ficção baiana. Por fim, tratamos sobre o conceito do incesto, com base nos estudos de Foucault (1988), Levi Strauss (1982) e Freud (2013), apreendendo que a literatura sempre transgrediu as regras, os tabus, rompendo o silêncio, referindo-se ao incesto em algumas de suas obras, como no romance citado, no qual os personagens deixam a tara, o desejo falar mais alto que os valores e as regras da cultura que os condenam. Posto isto, averigua-se que a obra não é uma apologia ao sexo entre irmãos, pai e filho, mas tece uma crítica à cultura heteronormativa, abordando temas, como: homossexualidade, incesto e gênero, através de personagens que desafiam as estruturas patriarcais e sexistas ao revelar sua sexualidade e sair da condição de subalternidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ficção Baiana. Henrique. Incesto. Sexualidade.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>HENRIQUE E A (DES)CONSTRUÇÃO DO HOMOERÓTICO E DA HOMOAFETIVIDADE .....</b>	<b>10</b>
2.1	HENRIQUE: A ÂNSIA, O DESEJO E O MEDO TÊM UM NOME PRÓPRIO.....	22
2.2	HENRIQUE E O PERCURSO HOMOAFETIVO NA FICÇÃO BAIANA.....	26
2.3	RESOLVER, RESOLVER: HENRIQUE E AS (IN)DEFINIÇÕES SOBRE GÊNERO...	34
<b>3</b>	<b>A MORDAÇA: RETALHOS DO INCESTO NA LITERATURA BRASILEIRA.....</b>	<b>40</b>
3.1.	O AMOR LIVRE DE QUALQUER SENTENÇA.....	44
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As memórias ainda são precisas. Primeiro dia da graduação, a professora que recepcionou a turma de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas, questionou-nos o motivo de termos escolhido o curso e a minha resposta foi: o amor pela Literatura. Por acreditar. Tenho em memória que meu primeiro contato com o texto literário foi através dos gibis. Anos mais tarde, já nas séries finais do Ensino Fundamental I, mergulhei nas aventuras dos mistérios policiais voltados para o público adolescente, entre eles *A Droga da Obediência* (1992) e *Sangue Fresco* (1996), escrito por Pedro Bandeira e João Carlos Marinho respectivamente, além do drama adolescente *Diário de um Adolescente Hipocondríaco*, lançado em 1993 pelos médicos ingleses Aidan Macfarlane e Ann Mcpherson.

Durante o Ensino Fundamental II, o repertório foi ampliando mediante a leitura de obras consideradas canônicas pela crítica literária, exemplificativamente: *São Bernardo* (1934) e *Vidas Secas* (1938), de autoria do alagoano Graciliano Ramos; assim como o romance naturalista de Aluísio Azevedo, *O Cortiço* (2007). Assim este conjunto de obras contribuiu para a formação da minha personalidade, os livros se tornarão indispensáveis, tão essencial quanto qualquer direito humano, conforme Candido (2011).

Partindo dessas considerações, o presente trabalho intitulado *INCESTO E SEXUALIDADE EM HENRIQUE: UM HOMEM QUE JÁ MORREU, MAS AINDA VAI NASCER* tem como abordagem central o incesto e a sexualidade na obra *Henrique* (2001), escrita pela autora baiana Álex Leilla. Nesta direção, a pesquisa aqui apresentada possui como objetivo principal analisar o tratamento conferido às relações incestuosas entre os personagens que desconsideram o olhar do outro sobre si e se permitem ter relações com outros sujeitos do meio social, mesmo que esse outro seja o irmão ou até mesmo o próprio pai. Para tanto, os objetivos específicos implicam em refletir sobre o conceito do incesto, assim como discutir sobre a diversidade sexual no âmbito do romance em questão, bem como traçar o perfil dos personagens criados por Leilla na obra *Henrique* (2001), destacar como eles vivenciam suas experiências afetivas e sexuais, ao mesmo tempo mapear trechos do romance que exemplificam relações incestuosas entre os personagens, explorando e problematizando e apontando seus desdobramentos.

Hipotetiza-se que os personagens afrontam as regras, os valores heteronormativos, violando os rótulos conservadores e de base judaico-cristã, pois, não consideram nenhum problema manter relações sexuais com aquele que possui seu mesmo tipo sanguíneo.

O trabalho se estrutura em 4 capítulos, a seguir delineados. No segundo capítulo, intitulado “Henrique e a (des)construção do homoerótico e da homoafetividade”, partimos da concepção de que a literatura pode ser instrumento para desmascarar, expor desumanidades e ao mesmo tempo criá-la. Nesse entendimento, sentimos a necessidade de refazer o percurso da literatura brasileira, a fim de compreendermos como ela tratou os sujeitos com suas diferentes identidade e subjetividades. Em seguida, discutimos o conceito de homoerotismo, respaldando-nos nos estudos de Barcellos (2006), Camargo (2016) e García (2015), com o intuito de diferenciar literatura homoerótica da literatura de expressão gay. Além disso, a partir da apresentação da obra Henrique (2001), empreendemos uma reflexão sobre como os indivíduos LGBTQIA+ são representados pelos escritores que compõe a ficção baiana. Por fim, alicerçados nas teorias de Foucault (1999) sobre a sexualidade, de Butler (2003) e Beauvoir (1967) sobre as questões de gêneros, discorremos como a obra abarca tais problemáticas.

No terceiro capítulo, “A mordaza: retalhos do incesto na literatura brasileira”, nosso propósito foi investigar o tratamento atribuído às relações incestuosas em objeto de pesquisa. Para tanto, nos apoiamos nas ponderações feitas por Foucault (1988), Levi Strauss (1982) e Freud (2013), que enfatizam o incesto como um tabu, sendo considerado uma violenta transgressão aos preceitos morais familiar e a proibição do incesto tem um cunho universal, que visa preservar a instituição da família. Partindo de tais entendimentos, apuramos como se dá as relações incestuosas na obra e quais seus desdobramentos.

O interesse em pesquisar sobre o tema proposto nesta pesquisa justifica-se por acreditarmos que fomentar os debates e reflexões sobre a noção de gênero e diversidade sexual, é uma forma de combater os preconceitos enraizados em nossa sociedade, sobretudo, no Brasil, onde, apesar de o Supremo Tribunal Federal, ter decretado, no dia 13 de junho 2019, que a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero é considerado crime punido pela Lei de Racismo (7716/89), os preconceitos ainda acompanham de perto as identidades sexuais e as agressões verbais e físicas são ininterruptas contra indivíduos que não se submetem aos moldes pré-concebidos de gênero e sexualidade demarcados historicamente.

Logo, o estudo empreendido evidencia que a literatura se torna uma possibilidade (concreta) de conscientização e resistência, pois, tem sido um meio de discussão sobre diferentes temas muitas vezes caros para nossa sociedade, como, por exemplo, o incesto e a homossexualidade.

## 2 HENRIQUE E A (DES)CONSTRUÇÃO DO HOMOERÓTICO E DA HOMOAFETIVIDADE

Ao iniciar a leitura de uma obra literária, seja ela uma aventura policial, como *O mistério do Azul-Turquesa* (1992), escrito por Alberto Beuttenmüller e Marcia Bettin, por exemplo, ou de um romance, a exemplo de *Longe dos Olhos*, publicado em 2008, por Ivan Jaf ou até mesmo *Cinema Orly* (1999), de autoria do capixaba Luís Capucho, esteja o sujeito na fase da adolescência, seja ele negro, LGBTQIA+ ou não, ele deseja se deparar com personagens que se identifique, ora por apresentar as mesmas características físicas e pertencer ao mesmo grupo social que o seu, ora pela semelhança das vivências, ou até por interessar-se em compreender o outro e suas subjetividades.

Embora nosso trabalho compreenda que exista um silenciamento, tentativas de invisibilização, seja de personagens, seja de autores, o não reconhecimento ou cerceamento da temática LGBTQIA+ existentes nas obras que compõem a imensa maioria do cânone brasileiro, partindo desse lugar, reconhecemos que nossa proposta consiste em questionar a *pouquidade* desses sujeitos, assim, como reconhecemos não fazer sentido, numa reflexão inicial, deixar de fora aqueles pertencentes aos grupos étnico-raciais, uma vez que a eles também fora negado o direito de construir o próprio discurso, foram impostas barreiras socialmente inclusive na literatura, onde se elabora, confirma, ecoa preconceitos e desumanidades.

Esse Outro que possui nacionalidade, sexualidade, que pertence a um grupo étnico-racial diferente, apresenta múltiplas identidades, ficam comumente ausente das páginas dos livros da literatura brasileira. Desta forma, neste capítulo, almejamos tecer considerações acerca de como a Literatura contribuiu para a formação de uma identidade nacional, através de um projeto de construção do indígena à categoria de herói, ao mesmo tempo, operou para excluir e tornar invisíveis grupos/sujeitos, como é o exemplo do nosso estudo em que o protagonista Henrique cede título à obra escrita pela autora contemporânea Álex Leilla. Nascida em 21 de novembro de 1971, na cidade de Bom Jesus da Lapa-Ba, Alessandra Leila Borges Gomes doutora em Literatura Comparada pela UFMG e professora na UEFS, é autora das obras *Urbanos* (1997), *Obscuros* (1999), *Henrique* (2001), *O sol que a chuva apagou* (2009) e *Primavera nos ossos* (2010).

Para iniciarmos nosso percurso, consideramos importante revisitarmos um conceito de Literatura. Começamos a tentativa imaginando um entrevistado amante de livros e a ele será feito o questionamento clássico: o que é literatura? Certamente ela associará o termo a todo livro de romance, contos, poesia, ou seja, apontará apenas exemplos e não apresentará uma

definição para a pergunta feita. Supomos que o nosso entrevistado fictício não consegue chegar a uma definição mais precisa e nós, imbuídos de um espírito investigativo no nosso percurso, decidimos recorrer às considerações da pesquisadora e crítica literária Marisa Lajolo que, em sua obra *O que é Literatura?* (1984), traz algumas reflexões e esclarecimentos a respeito da questão.

Conforme Lajolo (1984), as divergências sobre o que é literatura extrapolam séculos e são permanentes, enquanto as respostas são provisórias, isso porque muitos intelectuais e pensadores só consideram literatura os livros que são aclamados pela crítica e recomendados pela escola. Porém, a autora contesta, considerando literatura aquele poema que rabiscamos, mas engavetamos ou aquele livro que não é recomendado pelas escolas, tão pouco está na lista de leituras obrigatórias para vestibular; de acordo com ela, tudo isso tanto pode ser (ou como não ser) literatura, isso “depende do ponto de vista, do sentido que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute” (LAJOLO, 1984, p. 15).

Em consonância, Roberto Acízelo de Souza, em seu livro *Teoria da Literatura* (2007) aponta que a literatura é difusa e naturalizada, por não representar algo limitado, fixado, o que, para Lajolo (1984), dificulta no momento de definir literatura tanto do ponto de vista tradicional e acadêmico. Segundo a referida estudiosa, existe muita gente investigando, pesquisando sobre esta temática e as respostas são variadas, mas... qual delas é a verdadeira? A autora aponta:

O que é literatura? É uma pergunta que tem várias respostas. Não existe uma resposta correta, porque cada tempo, cada grupo social, tem suas respostas, sua definição de literatura. Já houve centenas de tentativas de definir o que é literatura. Nessas investidas, vários tem sido os critérios pelos quais se tenta identificar o que torna um texto literário ou não literário. (LAJOLO, 1984, p. 25).

No intuito de encaminhar uma resposta à pergunta que não se cala do que seria literatura, Lajolo (1984) vale-se, ainda, do Aurélio, encontrando dez definições de literatura e sua origem etimológica, a qual vem do latim *literatura*, que deriva de outra expressão também latina: *littera* e significa letras. A partir de tais conceitos expostos, nota-se sua relação com a noção de língua escrita, sendo a sua representação maior através da palavra.

Até o século XVIII, o termo “literatura” esteve mais relacionado ao saber e ao conhecimento escrito. Foi a partir do século XIX, que se passou a ampliar a literatura como arte por meio da língua escrita e falada. Quando nos referimos à literatura como arte estamos tratando de imitação da vida, de recriação através da palavra, o que nos remete ao conceito de *mimesis*, definido por Aristóteles como “modo de imitação” à poesia, à tragédia, à comédia. Deste modo, sendo a literatura *mimesis*, pode ser compreendida como arte que reinterpreta a

vida por intermédio da palavra, ou seja, não se constituindo uma simples imitação, ela reproduz o real, superando-o, aprimorando-o, recriando-o.

Dessa forma, sendo um dos instrumentos de (re)interpretação da realidade, a literatura ajuda a difundir/propagar ideias e valores, tem sido elemento fundamental para a formação identitária, indicando arquétipos de heróis, definindo vilões, exaltando elementos da terra, desvalorizando alguns grupos, colocando-os à margem da sociedade e valorizando outros; predispondo-se, pois, a forjar a sociedade, as suas problemáticas e as transformações ocorridas em determinado momento histórico. Portanto, a literatura se apresenta como uma manifestação universal, tornando, assim, “um legítimo direito do homem”, assim como os demais direitos fundamentais, como defende Antônio Cândido (2011).

Além disso, conforme Cândido (2011), criadora de identidade e formadora de personalidade, “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate”, (CÂNDIDO, 2011, p. 177), possibilitando reflexão a respeito dos problemas e mazelas da sociedade, ou seja, a linguagem literária é transgressiva e, portanto, deve recusar toda tradição imposta.

Como já posto, a literatura é imprescindível para a construção ideológica de uma nação, de uma identidade nacional, ideia esta que começa a ser construída no século XVIII e desenvolve-se no século XIX. Para melhor compreendermos o processo, faz-se necessário recorrer a alguns dados histórico-cronológicos. Após o Príncipe Regente D. Pedro romper relações com Portugal e proclamar a independência do Brasil no dia 07 de setembro de 1822, dá-se início à criação da nacionalidade brasileira. Para a elaboração e propagação de tal concepção, uma pátria deve nomear seus heróis, uma língua, um folclore, exibir suas paisagens naturais; em outras palavras, elementos simbólicos que a caracterize enquanto povo:

Uma nação deve apresentar um conjunto de elementos simbólicos e materiais: uma história, que estabelece uma continuidade com os ancestrais mais antigos; uma série de heróis, modelos das virtudes nacionais; uma língua; monumentos culturais; um folclore; lugares importantes e uma paisagem típica; representações oficiais, como hino, bandeira, escudo; identificações pitorescas, como costumes, especialidades culinárias, animais e árvores-símbolo. (THIESSE, 1999, p. 14 apud FIORIN, p. 116, 2009).

O que podemos observar desde aquele que é considerado o primeiro texto literário produzido e também a certidão de nascimento do Brasil, a *Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei Dom Manoel*, no qual o escrivão português informa sobre o descobrimento de um “novo mundo”, que mesmo este sendo um texto de cunho documental, o narrador apresenta um certo fascínio pela futura colônia e os nativos que aqui habitavam:

Nela até agora não pudemos saber que haja ouro nem prata, porém a terra em si é de muito bons ares assim frios e temperados como os de Entre-Doiro-e-Minho. [...] E em tal maneira é graciosa que querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem, porém, o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente e esta deve ser a principal semente que vossa alteza em ela deve lançar. (CAMINHA, 1963).

Com a Independência do Brasil, ocorrida em 1822, o novo país carece inserir-se no modelo moderno, acompanhando os países independentes da Europa. Nesse contexto, surge a urgência de autoafirmação da pátria que se formava, cresce um sentimento de nacionalismo, exalta-se a natureza, sendo este ambiente de agitação política que os autores românticos explorarão em suas obras uma vertente nacionalista. Dessa forma, cabe à primeira geração romântica, denominada geração nacionalista ou indianista, marcada pela exaltação da natureza, incumbir-se de construir uma literatura que apresentasse aspectos genuinamente brasileiros.

Nesse projeto político de elaboração identidade nacional, a produção dos poetas e escritores românticos gira em torno do tema indígena, quando este passa ser considerado um herói nacional, tendo destacadas sua bravura, força e pureza. Tal visão está inserida na obra *O guarani* (1857), publicada em 1857 por José de Alencar, tendo o protagonista Peri como um símbolo do orgulho nacional, o autor descreve-o como nobre forte, corajoso, leal, representante de uma visão ufanista e utópica; mais tarde, pode-se constatar essa tentativa de valorização dos donos originais da terra em outras obras, como *Iracema* (1865), também escrita por Alencar.

Se em um primeiro momento de construção identitária, o indígena foi eleito como verdadeiro símbolo de nacionalidade, posteriormente, a partir da primeira metade do século XX, dá-se início a um segundo movimento de elaboração de um ideal brasileiro, agora apoiado na ideia da miscigenação de indígenas e brancos. Por significar o estrangeiro e carregar consigo o estigma da escravidão, o negro passa por um processo de exclusão, reiterando nossa fala de que, nessas narrativas,

Por exemplo, no período de construção da nacionalidade, não há a ideia da miscigenação das três raças que hoje se diz terem constituído a nação brasileira, mas somente a dos índios e brancos. Os negros estavam excluídos. Essa mistura não era desejável, pois, afinal, tratavam-se de escravos. (FIORIN, 2009, p. 121).

Como resultado dessa multirracialidade, temos o mulato<sup>1</sup> que, durante a fase naturalista de nossa literatura, terá uma frequente presença nas histórias, entretanto sempre vinculado a

---

<sup>1</sup> A construção classificatória da junção de mulato, trata-se de termo que, na contemporaneidade sugere diferentes discussões. De acordo com Silva (2018), os movimentos negros brasileiros recusam a utilização do termo devido a dois fatores: o linguístico e o cultural. O primeiro está relacionado a sua origem do latim “mulus”, que significa

estereótipos, retratado como exótico e fisicamente erotizado, como podemos observar na descrição que Adolfo Caminha faz do personagem Amaro na obra *O Bom Crioulo*, lançada em 1895, considerado pelos estudiosos da literatura como o primeiro romance de temática gay no Brasil:

[...] correndo, a figura exótica de um marinheiro negro, d'olhos muito brancos, lábios enormemente grossos, abrindo-se num vago sorriso idiota, e em cuja fisionomia acentuavam-se linhas características de estupidez e subserviência.  
[...] um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração cadente e enervada, e cuja presença ali naquela ocasião, despertava grande interesse e viva curiosidade: era o Amaro, gajeiro da proa — o Bom Crioulo na gíria de bordo. (CAMINHA, 2014, p. 8-13).

E, por muitas vezes, submisso, como Aluísio de Azevedo apresenta o personagem Albino na obra *O Cortiço* (2007):

– Mas afinal, perguntou Pórfiro, é mesmo exato que este pamonha não conhece mulher?  
– Ele é quem pode responder! Acudiu a mulata. E esta história vai ficar hoje liquidada! Vamos lá, ó Albino! Confessa-nos tudo, ou mal te terás de haver com a gente!  
– Se soubesse que era para isto que me chamaram não tinha vindo cá, sabe? Gaguejou o lavadeiro, amuado. Eu não sirvo de palito! E ter-se-ia retirado chorando, se a Rita não lhe cortasse a saída, dizendo como se falasse a uma criatura do seu sexo, mais fraca do que ela:  
– Ora não sejas tolo! Deixa-te ficar aí! Se deres o cavaco é pior! Albino limpou as lágrimas e foi sentar-se de novo. (AZEVEDO, 1997, p. 73)

Tal fragmento explicita a nítida condição de silenciamento e inferioridade imposta àqueles que fazem parte do grupo de subalterno. Sobre esse processo, podemos mencionar o ponto de vista da estudiosa Regina Dalcastagné:

Quase sempre expropriado na vida econômica e social, ao integrante do grupo subalterno lhe é roubada ainda a possibilidade de falar de si e do mundo ao seu redor. E a literatura, amparada em seus códigos, sua tradição e seus guardiões, querendo ou não, pode servir para referendar essa prática, excluindo e marginalizando. (DALCASTAGNÉ, 2002, p. 38).

Essa tentativa de considerar inexistentes as camadas reais da nossa sociedade, de ocultar-se o preconceito e a violência que perpassam as relações raciais e de gênero, por exemplo, vai ser marcada pela ausência quase absoluta das classes populares na narrativa

---

mula, espécie de animal que surge do cruzamento do asno e da égua, tido como uma raça inferior, pois não reproduz, o segundo passa a ilusória existência de uma democracia racial em nosso país, além de ser utilizado para reportar-se à mulher negra de maneira hiperssexualizada.

brasileira contemporânea, de acordo com Dalcastagné (2002), escassez que se estende a escritores e personagens; Fiorin (2009, p. 123) acrescenta que “a literatura brasileira nunca deixou de mostrar que, em nossa formação social, vige o princípio da exclusão.”

Para corroborar com a referida tese, Regina Dalcastagné (2005) coordena a pesquisa intitulada “A personagem do romance brasileiro contemporâneo”, desenvolvida na Universidade de Brasília, tentando compreender a ausência de personagens que constituem as minorias sociais: mulheres, negros, pobres, homossexuais, entre outros e o porquê desses sujeitos colocados à margem da sociedade, ficando de fora das páginas de nossos livros. Nesse propósito, realiza um levantamento dos romances publicados entre 1990 e 2004. Após optar pelo gênero literário já citado, o grupo de pesquisa estipulou alguns critérios para selecionar quais obras fariam parte da amostra deste universo, entre eles: identificar quais as editoras brasileiras mais importantes para a publicação de prosa de ficção durante o período. Segundo os escritores e críticos literários contactados através de e-mail, a Companhia das Letras, Editora Record e Editora Rocco foram as mais citadas.

Assim, foram selecionadas 258 obras publicadas pelas três editoras citadas durante essa época, constituindo-se *corpus* da pesquisa. Se incluiu nesta investigação toda produção escrita em língua portuguesa e cuja autoria fosse de um(a) brasileiro(a) nato(a) ou naturalizado (a); além dos critérios já mencionados anteriormente. Dos 165 autores dessas obras, 120 são do sexo masculino, ou seja 72,7%, o que revela uma predominância masculina na atividade de escrita, um outro dado comprova uma homogeneidade racial no interior das narrativas: entre esses autores e autoras, 93,9% são brancos. Com base em outras informações, como idade, escolaridade, profissão exercida, local onde residem, Dalcastagné (2005, p. 33) traça um perfil do escritor brasileiro e nos informa que “ele é homem, branco, aproximando-se ou já entrado na meia idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo.”

Em relação aos personagens, foram encontradas 1245 nos romances estudados, sendo 773 do sexo masculino, contra 471 do sexo feminino. A invisibilidade das personagens femininas fica ainda mais notória quando os números mostram que os homens ocupam 71,1% da posição de protagonista e 68,3% a de narrador, o que, segundo a autora, pode ser reflexo do menor número de mulheres como escritoras:

[...] Os dados demonstram que a possibilidade de criação de uma personagem feminina está estreitamente ligada ao sexo do autor do livro. Quando são isoladas as obras escritas por mulheres, 52% das personagens são do sexo feminino, bem como 64,1% dos protagonistas e 76,6% dos narradores. Para os autores homens, os números não passam de 32,1% de personagens femininas, com 13,8% dos protagonistas e

16,2% dos narradores. Fica claro que a menor presença das mulheres entre os produtores se reflete na menor visibilidade do sexo feminino nas obras produzidas. (DALCASTAGNÉ, 2005, p. 36).

Já em se tratando da sexualidade desses personagens, mais de 81% são heterossexuais, apenas 3,9% são homossexuais, os bissexuais somam 2,4%; entre os homossexuais 79,2% são personagens do sexo masculino. Um aspecto relevante é que 994 desses sujeitos são brancos, isto é 79,8%, enquanto apenas 7,9% são negros, porém somente 5,8% ocupam o lugar de protagonista e 2,7% de narrador. É importante frisar que a pesquisa colheu outros dados que nos ajudam a compreender a composição do personagem do romance brasileiro contemporâneo, tais como: principais ocupações dos personagens, relações sociais, faixa etária, religião, nacionalidade, extrato socioeconômico, bem como a sua condição física. Todavia, não existe aqui a intenção de apresentar uma análise detalhada da pesquisa, mas apenas aqueles dados que nos ajudam a refletir sobre os silêncios impostos por nossa literatura a alguns agentes sociais, por conseguinte, revelando seu caráter excludente.

Ainda nos valendo das tessituras da estudiosa, o silêncio desses grupos marginalizados, formado em sua maioria por mulheres, negros, homossexuais; dá-se pelo fato de existirem vozes de outros sujeitos, em geral, homens brancos de classe média, que buscam falar em nome desse outro, dando vida a personagens que reproduzem suas perspectivas sociais, o que nos leva a uma discussão sobre representação. Para Dalcastagné (2002, p. 35), “um dos sentidos de “representar” é, exatamente, falar em nome do outro. Falar por alguém é sempre um ato político, às vezes legítimo, frequentemente autoritário” (DALCASTAGNÉ, 2002, p. 35); esse autoritarismo se dá através do controle do discurso por aqueles que possuem uma posição social privilegiada dentro do espaço de expressão, todavia, a autora sustenta que o problema da representatividade não se resume em representar fielmente a realidade do outro, mas em dar acesso à voz e valor aos seus discursos, diversificando assim as vozes e a óptica social, uma vez que:

[...] mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, negros e brancos, portadores ou não de deficiências, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras. Mesmo que outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. (DALCASTAGNÉ, 2002, p. 38).

Desta forma, a crítica literária propõe uma democratização da literatura, ou seja, a inserção no campo literário daqueles que questionam a realidade, discutem sobre as relações interpessoais, apresentando-nos personagens e narradores que simbolizam os diversos

indivíduos da nossa sociedade, com seus afetos e desafetos, amores, desamores, suas dores, medos e crises existenciais.

Na ficção contemporânea, encontram-se alguns escritores que, através de sua produção, rompem com as marcas centralizadoras e hegemônicas do cânone, convocando-nos a fazer uma reflexão sobre a diversidade sexual no âmbito do texto literário. Dentre eles, escritores destacam-se Clarice Lispector, João Gilberto Noll, Hilda Hilst, Caio Fernando Abreu, João Silvério Trevisan. Em se tratando de ficção baiana, destaca-se a escritora Álex Leilla que, sob influência de escritores, como Caio Fernando Abreu (cujo nome é várias vezes citado na obra em análise), André Gide, Júlio Cortázar, Virginia Woolf e Hilda Hilst, utiliza-se de um discurso que vislumbra conferir visibilidade ao subalterno, retirando-o da condição de silêncio. Além de dialogar com autores já citados anteriormente, é possível encontrar nas páginas da obra trechos de canções de artistas, como: Chico Buarque, Herbert Vianna, Tom Zé, Renato Russo, Morrissey:

[...] Creio que se traduz inteira na sequência de *Strangeways, here we come*<sup>2</sup>, ou em *Without mercy*<sup>3</sup>, ou amplia-se até a última instância em *A montanha mágica*, *Andrea Doria* ou *Por enquanto*<sup>4</sup>. Mas também está em *World leader pretend*<sup>5</sup>, mais ainda em *Só (solidão)*<sup>6</sup>, em *Culto do amor*<sup>7</sup>, em *Dois Elefantes*<sup>8</sup>, ou em... [...] A grande vontade se chamava cair no chão e ouvir milhões de vezes Renato Russo, Vini Reilly, Michael Stipe, Morrissey, Cazuza ou Lou Reed, para os tímpanos amanhecerem melhor.  
[...] Pensar, eu sempre pensava, entre passos e olhares lentos da varanda pro quarto, que podia abrir um conto de Caio Fernando Abreu e penetrar outros mundos. (LEILLA, 2001, p. 115-117).

Segundo Paulo César Garcia (2012), a linguagem literária da autora apresenta um efeito estético, entrecruzada por falas que estão presentes em outras autorias, sejam brasileiras ou estrangeiras. Nas obras produzidas por ela, os personagens deixam fluir o desejo, permitindo-se viver relações que violam as normas heterocentradas, como o amor erotizado entre irmãos, entre pai e filho e entre adolescentes.

---

2 É o quarto e último álbum da banda britânica de rock The Smiths, cujo título faz referências a *Strangeways Prison* (atual HM Prison), localizada em Manchester na Inglaterra, foi lançado em 28 de setembro de 1987. Com um total de dez faixas, o álbum chegou a ficar na 55ª posição na semana de 31 de outubro do mesmo ano, da *Billboard 200*.

3 Lançado em outubro de 1984 pela Factory Records, é o quarto álbum da banda inglesa The Durutti Column.

4 Canções que compõem respectivamente os álbuns *V* de 1991, *Dois* lançado em julho 1986 e o álbum *Legião Urbana*, álbum de estreia da banda homônima em 1985.

5 Quinta faixa do disco *Green*, lançado em 1988 pela banda norte-americana de rock alternativo R.E.M.

6 Canção que faz parte do álbum *Estudando o Samba* do cantor Tom Zé, lançado em 1976.

7 Escrita com a colaboração de Taciana Barros, a canção faz parte do disco *Amigos Invisíveis* do guitarrista da banda Ira, Edgard Scandurra.

8 Composição de Herbet Vianna, a canção faz parte do álbum *Bora-Bora* (1988), do grupo Paralamas do Sucesso.

No romance *Henrique* (2001), Leilla nos convida a acompanhar, em algumas micro histórias, os conflitos vivenciados pelo protagonista, que confere título à obra. Henrique se apresenta para o leitor “debaixo dos vidros e da lataria. Debaixo de um calmo céu de abril”. (LEILLA, 2001, p. 6).

Era terça-feira de outono...

Escorrego, de repente a porra da mão escorregou da marcha, escapou do pé o freio, caminhão entrando no céu-retrovisor-em-mil-pedacinhos-incolores, bonito isso tudo pelos ares. Como toda essa desgraça foi me acontecer? Pedra invadindo o meio dos cabelos. (LEILLA, 2001, p. 5).

Escrita em primeira pessoa, a narrativa constrói-se partir das dúvidas, certezas, anseios e dos desejos do protagonista homônimo. Utilizando-se da memória (por muitas vezes debilitada), através de *flash backs* de suas relações interpessoais com o pai, com o avô, com seu melhor amigo e namorado, Victor e a ausência da mãe, sinalizam o tom confessional:

Quando falo, não ponho nada em xeque, apenas duvido e vou construindo migalhas, que novamente é mundo, mundo que ainda não posso tocar ou mesmo utilizar alguma forma de dissipação. Mas não quero ser vítima de imagens o tempo inteiro, imagens que exigem acolhimento gráfico. Não quero fincar mãos e cérebro neste vácuo. Tento, pois, pôr amarras no tempo que supostamente é meu. Tento negar qualquer certeza de distúrbio e preencher-me de solidez, digo, de pessoas, de um outro coração. Materializar, pelo menos um segundo, o cara que fui, o cara que se movimentava inquieto tanto na periferia quanto na zona sul. (LEILLA, 2001, p. 6-7).

Concernente à literatura de confissão, Camargo (2016) informa a existência de muitos relatos de experiências gay, que abordam as relações amorosas entre sujeitos do mesmo gênero, “o que pode configurar a necessidade de autoexpressão dos desejos, das vivências e das dores pelas quais estes, em sua condição social/sexual, têm passado” (CAMARGO, 2016, p. 143). É por meio dessa literatura que autores/personagens LGBTQIA+ tornam-se vozes de uma parcela de sujeitos que buscam falar e serem ouvidos, denunciar o medo de apanhar na Paulista, de ser seguido por “uma puta” ou por um “senhor gordinho” no Leblon, narrar seus amores sem que ninguém lhe diga como amar, sem sermos tachados de abominação, invertido, entre outros utilizados por alguns narradores canônicos.

Para García (2015), “o romance *Henrique* é um drama de ápice folhetinesco com relatos que mexem com as estruturas do real, com confrontos e tensões”, que dizem respeito às identidades sexuais, o dilema com o amor homossexual, logo nas primeiras páginas, ele nos conta sobre o amor por Victor, seu melhor amigo desde a infância, “um sentimento amoroso que atravessa a adolescência até a maturidade, mas passado pelos percalços da dúvida, do medo, dos questionamentos a respeito de sua orientação sexual” (GARCÍA, 2015, p. 221).

A centralidade da história de Rique<sup>9</sup> se entrelaça com outras tramas, como a de Luís, seu pai, doutor e professor de História, que tivera uma relação homoerótica com seu irmão Leão, mas que casara com sua colega de faculdade Paula Maria, uma mulher com problemas psicológicos, impedindo o narrador de ter recordações precisas dela, por isso nunca pode analisar “um milímetro do que poderia ser a riqueza dessa relação, mãe/filho” (LEILLA, 2001, p. 118). Henrique foi criado por seu avô, dono de uma imobiliária, figura que representa os valores patriarcais, e por seu pai, com quem possui uma relação baseada no afeto, na amizade, no diálogo e amor fraterno, mas que acaba se transformando em amor carnal e desejo sexual, conforme se verifica no trecho a seguir:

[...]. Eu também me sentia tonto se muito demorava a olhá-lo dentro daquela pele de cor tão delicada, que chegava mesmo a suavizar, como por encanto a virilidade dos músculos e pêlos negro. [...]. Ah! Mas se eu for ser mesmo justo na descrição do meu pai, terei o que chamamos trabalho gigante pela frente. (...) sobretudo, sejamos justos! Falar dos mamilos, os bicos rosados floreados de pelinhos. Negro no rosa. Rosa muito mais vivo que o das unhas e dos lábios. Pensava que desgraça não ter liberdade pra mordê-los, lambe vagarosamente em círculos. (LEILLA, 2001, p. 37).

A amizade grega, o amor grego, o amor que não ousa falar, termos utilizados para se referir às relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo, esteve constantemente retratado pelas artes visuais, nos textos teatrais, na música e na literatura, como nos aponta Alexandrian (1994, apud SILVA, 2016, p. 80):

No campo literário, segundo Alexandrian (1994), os homossexuais, invertidos, sodomitas, onanistas ou pederastas sempre foram representados, mesmo quando essa representação era pintada com as tintas do humor e da caricatura. A estereotipia era a marca central das personagens, reiterando-se, assim, a imagem que foi perpetuada, até meados do século XX, da pessoa homoafetiva ou daquele cujo objeto de desejo erótico endereçava-se para o outro do mesmo sexo. (ALEXANDRIAN, 1994 apud SILVA, 2016, p. 80).

No campo literário, a homossexualidade sempre fora representada, mesmo que, na maioria das vezes, de maneira caricata, carregada de estereótipos e com uma carga de clichê, no entanto, com a representação das identidades sexuais em textos da literatura, os críticos contemporâneos têm buscado reexaminar as narrativas de ficção que abordam sobre a homoafetividade, denominadas como homoeróticas ou gay.

Assim, urge a necessidade de discutirmos alguns aspectos que circundam essa produção, o que requer do público leitor, dos próprios produtores e dos estudiosos uma leitura mais

---

<sup>9</sup> Tratamento conferido pelo autor para o personagem.

profunda, certo conhecimento sobre categorias, como gênero, sexualidade, homoerotismo, subcultura gay, em virtude de não haver um consenso a respeito de qual nomenclatura se deve utilizar ao referir-se a esses textos da literatura contemporânea.

Sobre o conceito de homoerótico, Barcellos (2006, apud SILVA; CARVALHO, 2015, *online*) afirmam que este é um apanhado de práticas sociais, podendo ser individuais ou coletivas, fazendo referências às diversas formas de relacionamento erótico entre pessoas do mesmo sexo, ou seja, não aborda apenas sobre o desejo que um sujeito sente por outro de sexo equivalente ao seu, mas sobre afetos, estilo de vida, o que muitos teóricos denominam de homossociabilidade. Segundo Eve Sedgwick (1985 apud CAMARGO; FALCÃO, 2015, p. 169), o termo homossociabilidade é usado em História e nas Ciências Sociais, para descrever laços entre pessoas do mesmo sexo.

As relações sexuais entre sujeitos que se deitam com outro do mesmo sexo sempre foram vistas pela Igreja como algo pecaminoso/profano. Em consequência disso, a literatura que retrata a temática homoerótica, durante muito tempo, foi rotulada de literatura maldita pelo discurso teológico, “graças à tradição exegética, os sujeitos que praticaram “coisa abominável” foram silenciados ao longo da história e, conseqüentemente, a recepção da temática homoafetiva no texto literário também causou muitos conflitos” (FERNANDES, 2015, p. 77); a esses textos foram impostas barreiras canônicas, foram alvo de censura e boicote, isso fez com que fosse pouco lida, estudada ou até mesmo divulgada, sobretudo pelo cânone literário.

Em se tratando da relação literatura e homoerotismo, é pertinente que o olhar sobre a narrativa, numa perspectiva literária, não se limite às teorias hegemônicas, pois uma produção não deve ser dependente da aprovação dos regimes estabelecidos, hegemônicos, de pensamentos. Esta negação da presença do desejo homoerótico nas obras literárias, ocorre porque, há muito tempo, a análise da obra esteve relacionada à vida pessoal do escritor. Para muitos teóricos da literatura, existe numa relação autoria e produção a concepção de que só é possível produzir literatura gay quem se assume como sujeito gay, pois, como suscita Silva (2016), é notória a relação autor/narrador/personagem, em virtude de a voz que narra assumir um discurso político que levanta as demandas das pessoas que se orientam sexual e afetivamente para o outro do mesmo sexo (SILVA, 2016, p. 89).

No entanto, uma questão é motivo de debate entre os críticos e estudiosos da área: a autoria do texto de temática homoerótica seria ou não de um sujeito homossexual, como questiona CARVALHO; LEMOS (2006 apud SILVA, 2012, p. 101), parte da crítica assegura que só é possível escrever literatura gay por aquele sujeito que se assume como tal, responde Silva (2016), algo inimaginável até século passado quando muitos escritores ocultavam sua

homossexualidade através de seus escritos, em virtude da censura, do julgamento de ordem ética, moral e religiosa, como destaca o referido teórico:

Essa tendência contemporânea de fazer emergir questões gay, lésbicas, *queer*, homoafetivas ou de outras nomenclaturas similares reacende velhas discussões em torno de parte da produção autoral de escritores que não foram devidamente valorizados em sua época e subsequentes por questões não de ordem estética, mas de ordem “ética”, moral, religiosa, cultural, configurando forte preconceito e discriminação a autores e obras que buscam refletir o tema do amor entre iguais, a exemplo de Abel Botelho, Antônio Botto, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, João do Rio, Cassandra Rios, Capadócio Maluco dentre outros. (SILVA, 2016, p. 82-83)

Em consonância, Camargo (2016) ressalta que, se alguns escritores, como o Marquês de Sade, James Joyce, D.H. Lawrence sofreram censuras por abordarem em seus textos o desejo erótico entre homem e mulher, não seria diferente com autores elencados acima, que escrevem sobre o desejo erótico entre aqueles que possuem um falo, como é o caso do romance *Henrique*:

Escrever sobre o desejo erótico, embora tenha produzido livros os mais diversos e feito o sucesso de muita gente, foi também dor de cabeça para muitos escritores, haja vista o caso de livros queimados, proibidos, indexados, censurados nas diversas partes do mundo. Escritores como o Marquês de Sade, James Joyce, D.H. Lawrence e seus textos são exemplos tristes do quanto uma literatura erótica ou que possui traços do erotismo é execrada e, ao mesmo tempo, lança uma aura de fascínio em seus leitores. Se os textos sobre questões eróticas heteronormativizadas já sofreram censuras, o que dizer de textos que tocam nas relações eróticas homoeróticas? (CAMARGO, 2016, p. 151).

Considerando-se que a perspectiva homoerótica na literatura vai além da afetividade entre sujeitos do mesmo sexo e se baseia no modo de ver o mundo da personagem e que a literatura de expressão gay gira em torno da temática relacionada aos afetos, às sexualidades, a maneira que estes se comportam sexualmente, como um sujeito questionador; esse sentido, Souza (2010, apud SILVA; CARVALHO, 2015, *online*), assinala:

E vemo-nos sempre diante de dualismos teóricos que parecem difíceis de serem diluídos. Assim, de um lado, os estudos literários, e, de outro, os estudos culturais; a arte dividida entre a boa, alta ou verdadeira e a ruim, menor ou falsa, quando não nos deparamos com a dualidade arte *versus* não arte; literatura não é o mesmo que literatura de massa; obra de arte não é o mesmo que produto cultural. O que nos leva a outros dualismos, como, por exemplo, a discussão em torno da existência de uma literatura *gay* em contraposição a uma literatura homoerótica; uma política, outra isenta de politicidade, já que centrada no desejo e não no sujeito. (SOUZA, 2010, p. 56 apud Silva; Carvalho, 2015, *online*).

Tais dualismos provocam uma importante discussão para o campo literário. Ao utilizar o termo literatura de expressão gay, estamos nos referindo a uma produção que visa à escrita de si, uma vez que narra os desejos, as dores dos narradores, que tem o desejo de confessar suas

experiências sexuais. Como bem suscita Camargo (2016), a produção literária brasileira contemporânea relativa à homocultura configura-se a partir de textos variados, mas, em sua maioria, publicam-se relatos de cunho pessoal muito semelhantes ao que Michel Foucault identificou como “escritas de si” (CAMARGO, 2016, p. 144).

A escrita de si atrai atenção dos estudos literários, porque valoriza não apenas os dramas dos personagens homoafetivos, mas por apresentar ao público modelos de pessoas com as quais transitamos nos espaços sociais, apresenta uma voz que narra a si mesma, as subjetividades, longe do preconceito, dos estereótipos. No caso da literatura de expressão gay, os fatos são narrados em primeira pessoa, já as obras que utilizam da terceira pessoa do discurso, fazem uso da ótica daquele que narra sobre as ações relatadas, cedendo voz aos personagens homoafetivos.

Realça-se que o enfoque na questão da homoafetividade do sujeito não deve ser encarado como um modismo, mas como uma ânsia de se refletir por meio de personagens e narradores o direito à diferença, a rasurar os rótulos heterossexistas, por intermédio de uma das formas material-discursivas que possui um caráter humanizador do indivíduo, nas palavras de Candido (1995), a literatura de ficção. Comungando deste pensamento, Lugarinho (2008, apud GARCÍA, 2016) reitera que a literatura gay deve ser mais um segmento, mais uma possibilidade de problematização àqueles que desejam um cânone inevitável e cristalizado em suas opções de classe, etnia, sexo e gênero (LUGARINHO, 2008, p. 23 apud GARCÍA, 2016, p. 248).

## 2.1 HENRIQUE: A ÂNSIA, O DESEJO E O MEDO TÊM UM NOME PRÓPRIO

Nesta seção, apresentaremos a obra que compõe nosso corpus de pesquisa, no propósito de ilustrar as discussões feitas anteriormente. Publicado em 2001, pela editora Domínio Público, o romance tem como protagonista Henrique, “um menino rico de São Conrado” (LEILLA, 2001, p. 42) que gostava de ouvir samba, punk e rock anos 80, filho de Luís, um professor de História, e de Paula Maria.

Após sofrer um acidente de carro em uma estrada do Rio de Janeiro, em sua experiência de quase morte, narra sua história de vida. Logo nas primeiras páginas, ele descreve-nos sobre o amor que sente por Victor, seu melhor amigo desde a infância. Vic, assim carinhosamente apelidado, era um garoto que morava no subúrbio com sua família, em uma casa onde dividia o quarto com seus irmãos, Valtinho e Vagner, tivera uma educação mais severa, regada a castigos físicos, o que explica seu comportamento agressivo e se tornou temido, pois não perdia uma briga e batia sem pena naqueles que o importunassem. Apesar de ser “esquentado”, cursava

alemão e gostava de literatura francesa, muito bom em matemática, recebeu uma bolsa para estudar no mesmo colégio em que Henrique estudava:

[...] No colégio, na rua, era sempre temido. Ganhava todas as brigas, batia forte e sem pena naqueles que o desafiavam. Infelizmente, era muito invejado também [...]  
 [...] Nosso relacionamento era difuso, qualquer um via claramente o quanto eu me apegava a ele. Mais que isso, precisava tê-lo sempre comigo e disso não fazia segredo. O meu grande amigo, eu o chamava alto, e recebia um riso entre tenso e orgulhoso. Às vezes, ele me dizia que eu também era o seu melhor amigo. (LEILLA, 2001, pág. 43)

Nem mesmo a diferença econômica entre ambos foi capaz de abalar a relação, sentimento aflorado desde o primeiro beijo entre os dois grandes amigos, ainda na infância, e que, com o passar do tempo, se transforma em uma forte carga sexual:

O tempo que foi, está, é. Sempre. Vou dizer, sim, que ele já não era um menino, meu grande amigo de infância. Como eu também já não era pra ele, há tempos. Almoçamos sanduíches. Tomamos banho. Juntos. No boxe do banheiro do quarto, juntos. Nos masturbamos um ao outro. Deitados na cama, nos olhando, cansados. Tínhamos coisa de 15 anos. Não, espere: 14 ou 13. O Vic se deitou de bruços e fechou os olhos como quem ia realmente dormir. Mas não vai, pensei eu, porque ainda quero te comer... Aproximei-me. Eu demorava a penetrá-lo. E quando o fiz, ainda hesitei. Rouco, por pura ansiedade, perguntei-lhe: 'Posso?' A confirmação muda: um balançar de cabeça contra o lençol, ao mesmo tempo em que seu braço se estendia por cima das minhas costas, alcançando minha cintura e me apertando contra si. [...] A coisa velha que todo homem recria: o amor. Livro de cabeceira. Palavra coberta de sinônimos que em nenhum outro nome acha de promulgar sua vastidão. (LEILLA, 2001, p. 114-115).

Porém, em alguns momentos da narrativa, podemos observar certo conflito, sobretudo quando Henrique, cheio de medo, dúvidas, questiona-se a respeito de sua sexualidade, pois não compreende essa “necessidade tão feroz, que apagava todos os aspectos miseráveis da condição humana.” (LEILLA, 2001, p. 63), situação que Victor não suporta, pois é mais definido e assume sua sexualidade sem medo de comentários e olhares:

– Tudo bem – ergui os olhos à procura dele – Não sou homem mesmo não. Pronto.  
 – E o que você é afinal, cara? Mulher?  
 – Não sei – eu disse.  
 – Ah, sai dessa, Rique! É ruim, hein! Não tem graça nenhuma, você bem sabe que não gosto de mulher...  
 – Não sei por que não gosta...  
 – Ora! Pronto! Tô fodido agora...  
 – Que foi?  
 – Que foi o caralho! Você parece que é demente...  
 – Então sou...  
 – Deixar de ser homem para querer ser mulher...  
 – Eu não disse que isso, nunca lhe disse que eu era mulher...  
 (LEILLA, 2001, p. 45).

Em certos momentos da narrativa, essa insegurança de Henrique quanto a sua sexualidade acaba gerando desentendimentos com Victor, uma vez que ele é mais assertivo e assume sua sexualidade sem medo de comentários e olhares, como observamos nos trechos a seguir:

- Dizem que você é viado. Viado-macho! - falei rindo.
- Hum...-ele fez contendo um arrotto- Do que é que você tá rindo?
- Eu?
- Você, lógico.
- De nada. É que você é tão forte...
- E o que é que tem isso?
- Luta caratê e tal...
- E daí?
- Nada, não tem nada, não...Você já pensou no que dizem por aí da gente? Dessa vez foi ele quem negou com a cabeça.
- Seus pais, seus irmãos, os colegas de classe, todo mundo olha pra gente atravessado, Victor...
- Fodam-se. Não vou ficar pensando nisso senão enlouqueço.

[...]

Sempre as mesmas notícias de intolerância, de pouco, nenhum respeito. Conhecia poucos homens condenados a ingressar no maravilhoso rol da minoria sexual. E mulheres, nenhumazinha. Em oposição a mim e naturalmente disposto a matar-se-preciso-fosse em nome de sua sexualidade, o Vic se movimentava. Seguro. Pleno. A ele era indiferente o que se teorizava, o que se pensava, o que se falava. Anormalidade, carma, tamanho de cérebro ou genes, pro meu amigo, nada significavam, era coisa de gente sem o que fazer. Caso incomodassem, metia a mão. E pronto. Eu já não tinha tanta segurança assim do que podia provocar com minhas mãos. (LEILLA, 2001, p. 48- 62).

Apesar de carregar dentro de si dúvidas/questionamentos a respeito de sua sexualidade, sobre ser homem/mulher, transita narrando suas experiências e aventuras sexuais, como o hábito de colecionar reportagens sobre sexualidade, seus casos amorosos com outros garotos:

Um pequeno detalhe é muito: eu recortava coisas curiosas – reportagens, fotos, entrevistas-, sobre o homossexualismo ou homossexualidade masculina. Meu companheiro desentendia esse meu hábito. Pra que servem, ele me questionava. Nunca soube responder. Recortava, simplesmente. Largava-as dentro do cofre do carro [...]. Sublinhava as partes mais engraçadas, revoltantes, bobas, ou apenas curiosas.

[...]

Quando você se ausentou por um longo período de perto de mim, eu tive vários meninos. Entre eles havia um que sabia dançar muito bem. Movia os quadris e o ventre como se fosse uma cobra solta no espaço. Tinha a impressão, quando o via dançar assim, que do seu corpo brotava um campo de luzes extremamente cintilantes, enquanto o rosto suave dele ia se deslocando de um ponto a outro do quarto.

[...]

Nessa época eu namorava um rapaz de Botafogo. Quer dizer, não namorava exatamente, mas nos víamos vez em quando, íamos ao cinema e trepávamos. [...] Vic: “Vic, Vic! Comecei a ter medo de AIDS. Enumerar os rapazes que comi. Sonhei coisas abomináveis com meu amigo Eros, que nem *gay* era”. (LEILLA, 2001, p. 11-25 - 201).

Nos fragmentos citados, percebe-se a forte atração e encantamento pelo amigo que, desde a infância, mantém relações sexuais e o acha infinitamente tão belo, que se assusta: “pode haver algo ou alguém depois dele, meu Deus?” (LEILLA, 2001, p. 7). Durante a história, Rique vai dando mostras do forte do desejo homoerótico por Vic, como fica evidenciado no trecho abaixo, quando lembra do órgão genital do parceiro:

Dou de me lembrar de sua pica, Vic- e isso é puro deleite-, ereta, linda, a mais bela dentre todas as picas que um homem na Terra pode ostentar. Mais bela até que a minha, reconheço. E não é nada fácil, garanto-lhe, reconhecer. Dou de me lembrar de como você a esfregava contra a minha e, suspirando ia subindo ao alcance de minha boca. Mas perco o momento em que você também me abocanhava. Sua cara retendo meu gozo, minhas mãos te apertando os cabelos. (LEILLA, 2001, p. 12).

Além de deixar o leitor informado a respeito das aflições sobre sua sexualidade, o protagonista ainda nos permite observar suas relações interpessoais com o pai, com a mãe. Henrique foi criado por seu avô materno Dr. Adriano, dono de uma imobiliária, e pelo pai Luís, um professor de história, pois, sua mãe Paula fora internada quando ainda era criança, por conta de distúrbio mentais, o que o levava, ao mesmo tempo, a sentir falta e desprezo pela aquela que lhe gerou:

[...] - Cadê minha mãe? - perguntei-lhe devia ser a centésima vez que lhe fazia essa pergunta. [...] - Está doente, entendeu? Internada. Os médicos estão cuidando dela. [...] Não sei se eu sentia de fato falta dela ou era só mais uma farsa, à qual me entregava. Lembrava pouco de seu rosto, os olhos muito brancos atravessando as pessoas que em seu quarto entravam. O jeito de chorar segurando a ponta do cabelo. Não tenho recordações precisas dela, nunca pude ter. (LEILLA, 2001, p. 33-34).

Enquanto Luís era um pai que ensinava a fazer pipoca, aos domingos preparava-lhe arroz doce, colocava-o na cama para dormir, Dr. Adriano era um avô mal-humorado, sempre dando sermões, qualquer travessura viraria motivo de castigo e gritos, principal embate entre ambos, pois, diante da censura deste, Luís ameaça levar o filho para morar em outra cidade. Mas o patriarca logo lembra que o professor de história prometera a sua filha que o menino permaneceria naquela casa.

À medida que a narrativa avança, Paula, que já não reconhecia ninguém e era mantida por aparelhos, fica ainda mais debilitada diante do cansaço, consegue medicamentos com um

auxiliar de enfermagem da clínica e envenena-se. A morte da única mulher que amou, afastara Luís de seu filho e dos amigos, levando-o a mergulhar em seu mundo de aventuras amorosas com outros homens e outras meninas. Mas logo sai do papel de pai para ocupar temporariamente o de amante do filho, por três vezes.

Posto isto, é possível atestar que, no romance *Henrique* (2001), os sentimentos, desejos dos personagens são valorizados, indo de encontro aos tabus, à culpa. O discurso do protagonista, que faz da memória um espaço livre para viver e expressar sua sexualidade, quebra o elo dos valores de base heterossexistas e heteronormativos, causando desconforto naqueles que fazem parte de um grupo majoritário sempre no centro das estruturas político-organizacionais, pois leva em consideração, como bem define Inácio (2010, p. 113 apud GARCÍA, 2013, *online*) “a perpetuação do interdito sobre a sexualidade, e por silenciar ou punir tudo e todos os que não são contemplados pela moralidade burguesa ou que nela não se enquadram”, este grupo majoritário é composto por sujeitos que se caracterizam como heterossexuais brancos, cristãos, de famílias tradicionais.

A obra rompe, ainda mais, com os paradigmas ao descrever a relação do protagonista com seu pai Luís, uma relação baseada no afeto, na amizade, no diálogo e amor fraterno, diferente dos convívios familiares que são constituídos no autoritarismo, “não era como nenhum pai de nenhum colega, que eu parasse imediatamente a comparação. Era MEU PAI, e nunca havia dado motivos pra eu duvidar do seu amor” (LEILLA, 2001, p. 36). No entanto, no ápice da narrativa, a admiração pelo pai se transforma em amor carnal e desejo sexual, assunto que será abordado no próximo capítulo.

## 2.2 HENRIQUE E O PERCURSO HOMOAFETIVO NA FICÇÃO BAIANA

Os impasses quanto à utilização do conceito adequado para a homossexualidade foram descritos nas narrativas através de representações carregadas de estigmas. Em polo oposto, intentamos construir um levantamento de como esses sujeitos, que possuem suas diferenças e identidade, foram representados em um universo de grandes obras da literatura brasileira.

O termo homossexual de origem do grego “homos”, que quer dizer semelhante ou mesmo, é do latim “sexus”, cujo significado é sexo, surgiu na Europa no final do século XIX, sendo empregado pela primeira vez pelo médico húngaro Karoly Benkert, em 1869. Na Literatura Brasileira, os escritores, não sabendo qual palavra adequada para se referir às relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, os escritores empregaram termos que contribuíram para verberar preconceitos e estigmas. Dentre esses temos “sodomia”, em *O Bom Crioulo* (2014), obra escrita

por Adolfo Caminha já mencionada, considerada, por muitos, como precursora da temática gay no romance brasileiro, conferindo tratamento à relação homoafetiva entre Amaro e Aleixo. É possível observar que Caminha utiliza outros termos, como pederasta, conforme podemos constatar no fragmento a seguir:

E agora, como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens? Ao pensar nisso Bom-Crioulo sentia uma febre extraordinária de erotismo, um delírio invencível de gozo pederasta. [...] Agora compreendia que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres. (CAMINHA, 2014, p. 24, 34).

A respeito do caráter pioneiro da referida obra, Antônio de Pádua (2012) informa que se convencionou apontá-la como ponto de partida de uma literatura voltada para questões gays, “talvez por falta de interesse, por um desconhecimento aliado a uma desimportância do assunto/conteúdo” (PÁDUA, 2012, p. 85), por parte dos críticos e estudiosos.

O autor destaca que existe uma certa reivindicação quanto à “fundação oficial da literatura homoerótica brasileira” (PÁDUA, 2012, p. 85), em que se cogita o conto *O menino da Gouveia* (1914) como primeiro texto homoerótico escrito no Brasil, quando o autor utiliza o pseudônimo de Capadócio Maluco para assinar a autoria, faz sexto volume de uma série de contos eróticos publicados pela revista *Rio Nu*. O conto tem como protagonista o “menino” Bembém, de 14 anos, que narra suas aventuras sexuais enquanto faz sexo com seu amante Gouveia, um homem mais velho; em meio aos relatos, o adolescente que desejava ser iniciado sexualmente, confessa que “todos os rapazes têm uma curiosidade enorme em ver uma mulher nua [...] um seio ou outra parte do corpo feminino, eu andava a espreitar a ocasião em que algum criado, ou mesmo meu tio[...].” (MALUCO, 2006, p. 38).

Uma outra obra a que se atribui o pioneirismo dessa temática é o romance naturalista *Um Homem Gasto* (1885), do médico Ferreira Leal, livro epistolar dividido em cinco partes. Na primeira, intitulada “Dialogo Preambular”, o narrador apresenta um conjunto de cartas que, segundo ele, teria recebido das mãos do próprio Alberto, personagem principal, antes de cometer suicídio; em “Primeira Série” e “Segunda Série”, encontram-se uma coleção de cartas que sua esposa Luiza envia para à prima Cecília, onde descreve a rotina do casal e sua frustração com o casamento; na parte nomeada de Terceira Série, encontramos a 22ª carta, onde Alberto confessa para seu médico Paulo de Andrade suas “perversões” sexuais praticadas durante a infância em um internato.

É possível perceber que, tanto em *O menino da Gouveia* (1914) e *Um Homem Gasto* (1885), os personagens adotam um tom confessional. Tais confissões serviam como recurso por aqueles que detinham o poder na época, a Igreja, a Medicina, o Direito, formularem um discurso sobre a sexualidade dos sujeitos ditos desviantes, degenerados, conforme destaca Camargo (2016):

Muitas vezes, essas descrições de atos ou de relacionamentos vinculavam-se à necessidade de se estudar o que faziam os chamados “sujeitos perversos” do mesmo modo que podiam ser classificados, moldados, estudados e catalogados em seus modos de ser e experienciar suas atividades sexuais tidas como depravação. (CAMARGO, 2016, p. 144).

Assim, presumia-se que, ao verbalizarem seus desejos, sua sexualidade tida como imoral, vício, os sujeitos facilitariam serem considerados anormais e, quem sabe, curados. Essa visão da homossexualidade como algo doentio, mórbido, está presente em outra obra da literatura naturalista: *O Ateneu* (1996), escrito por Raul Pompéia, sendo inicialmente publicado em formato de folhetim na *Gazeta de Notícias*. Escrito em primeira pessoa, o romance apresenta um narrador, narrador-protagonista Sérgio que, em tom confessional, relata a convivência no internado cujo nome intitula a obra e é dirigido pelo Dr. Aristarco. É nesse ambiente de hostilidade e violência onde impera a “lei do mais forte” que Sérgio se relacionará com outros rapazes, entre eles Sanches e Bento Alves, porém, o narrador tem uma relação mais intensa com Egbert, alguém que ele admirava e considerava elegante. Apesar disso, não se pode afirmar que existiu, de fato, um namoro entre ambos, tampouco que culminou em ato sexual, uma vez que o protagonista deixa clara sua aversão pela homossexualidade, comportamento que revela ideias e valores da época. No final, Sérgio passa repentinamente a ter desejos eróticos por D. Ema, esposa do diretor, perdendo, assim, o interesse pelo rapaz:

De volta ao Ateneu, senti-me grande. Crescia-me o peito indefinivelmente, como se me estivesse a fazer homem por dilatação. Sentia-me elevado, vinte anos de estatura, um milagre. Examinei então os sapatos, a ver se haviam crescido os calcanhares. Nenhum dos sintomas estranhos constatei. Mas uma coisa apenas: olhava agora para Egbert como para uma recordação e para o dia de ontem. Daí começou a esfriar o entusiasmo da nossa fraternidade. (POMPÉIA, 1996, p. 149).<sup>10</sup>

Se, em *O Ateneu*, Sérgio ganha traços masculinos para reforçar a ideia de que a heterossexualidade é o estágio ideal do indivíduo, o autor de *O Cortiço* descreve estereotipadamente o personagem Albino como “um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo

<sup>10</sup> O ano citado refere-se à edição a qual o trecho foi extraído.

cozido e com um cabelinho castanho, deslavado e pobre, que lhe caia, numa só linha, até ao pescocinho mole e fino” (AZEVEDO, 1997, p. 32). Percebe-se que, além de utilizar o adjetivo pejorativo “afeminado” e os diminutivos “cabelinho” e “pescocinho” para referir-se às características do personagem, a ele cabe exercer uma profissão de lavadeiro, relacionada ao sexo feminino no contexto social da época:

Fechava a fila das primeiras lavadeiras, o Albino, um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo, cozido e com cabelinho castanho, deslavado e pobre, que lhe caia numa só linha, até o pescocinho mole e fino. Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado, que elas o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo; em presença dele falavam de coisas que não exporiam em presença de outro homem; faziam-no até confidente dos seus amores e das suas infidelidades, com uma franqueza que o não revoltava, nem comovia. (AZEVEDO, 1997, p. 43).

O excerto acima destaca a intimidade existente entre Albino e as mulheres da vila, com quem troca confidências, comportamento que gera questionamentos e vira motivo de zombaria por parte outros moradores do cortiço, principalmente Porfiro que “divertia-se a perseguir o Albino, galanteando-o afetadamente, para fazer rir à sociedade. O lavandeiro indignava-se, dava o cavaco” (AZEVEDO, 1997, p. 68).

Na obra, temos ainda a representação da homossexualidade feminina<sup>11</sup>, quando o narrador descreve explicitamente a relação sexual entre Pombinha, uma jovem de 18 anos, tida como “flor do cortiço”, estimada pelos habitantes, que perde sua virgindade com Léonie, uma prostituta experiente. Pombinha, uma moça de família portuguesa, que passa a morar no cortiço logo após seu pai cometer suicídio depois do fechamento de sua loja de chapéus, juntamente com sua mãe D. Izabel, enxerga no casamento com seu noivo João Costa a oportunidade de ascender socialmente. Contudo, torna-se uma mulher adúltera e prostituta depois que é iniciada sexualmente por Léonie. Apesar de resistir, a moça acaba cedendo ao instinto sexual e ao prazer:

Pombinha arfava, relutando; mas o atrito daquelas duas grossas pomas irrequietas sobre seu mesquinho peito de donzela impúbere e o rogar vertiginoso daqueles cabelos ásperos e crespos nas estações mais sensitivas da sua feminilidade, acabaram por foguear-lhe a pólvora do sangue, desertando-lhe a razão ao rebate dos sentidos. Agora, espolinhava-se toda, cerrando os dentes, fremindo-lhe a carne em crispações de espasmo. (AZEVEDO, 1997, p. 93).

<sup>11</sup> Ainda que o foco desta pesquisa seja discutir a sobre as relações homoeróticas entre sujeitos dos sexo masculino, não podemos deixar de ressaltar a relação entre ambas as personagens. Negá-la seria mais uma forma de perpetuar o silenciamento em relação à homossexualidade feminina, mais um ato de censura, como o ocorrido na Bienal Internacional do Livro do Rio, na ocasião em que o prefeito Marcelo Crivella determinou que os organizadores da feira recolhessem a obra *Vingadores: a cruzada das crianças*, por conter a imagem de um beijo entre dois personagens masculinos. Ainda em nota divulgada, o prefeito afirmou que “livros assim precisam estar em um plástico preto, lacrado, avisando o conteúdo”, atitude que representa uma repressão à criação literária.

Constata-se que o autor descreve Léonie como uma prostituta de luxo, com clientes ricos e da alta classe, comparando-a a uma cocote francesa, dispendo da admiração e o respeito dos demais inquilinos de João Romão devido a seu poder aquisitivo. Diferente de Albino, personagem que sofre um duplo silenciamento na obra: o primeiro, quando ele permanece, muitas vezes, calado diante das indagações dos moradores devido à sua sexualidade; e o segundo, considerando a não alusão de que ele mesmo venha se relacionar com alguém.

Assim, infere-se que, influenciados pelo cientificismo e outras correntes filosóficas, como o determinismo e Darwinismo que marcaram o século XIX, os grandes escritores do naturalismo brasileiro buscaram explicar o comportamento humano, relacionando-o ao meio social, por conseguinte abordaram em suas obras temáticas voltadas para questões sociais, tais como o preconceito racial, o adultério, a prostituição e visão da sociedade em relação à homossexualidade, tida como anomalia.

Concernente à literatura de temática gay, Silva (2012) apresenta a discussão sob dois aspectos: o estético e o político, critérios fundamentais para concepção deste gênero literário. Ele defende que “torna-se relevante, do ponto de vista político, a historicização dos textos que formam o ‘cânone gay brasileiro’” (SILVA, 2012, p. 85), destacando, assim, a importância da visibilização da literatura que aborda essa temática, que faz o outro pensar/repensar estar no mundo. No entanto, não é apenas o fator político que pode ser utilizado como critério norteador para definir a qualidade textual de uma obra, pois “não podemos deixar de reiterar que o fator estético termina sendo, do ponto de vista da crítica e da teoria literárias, o elemento primeiro e último que fecharia o círculo em torno da questão aventada” (SILVA, 2012, p. 88). Dentre os fatores estéticos, estão a construção do enredo, a linguagem escolhida.

Além dos romances oitocentistas mencionados anteriormente, o autor aponta outras obras, como *Morangos mofados* (1986), *Stella Manhattan* (1999), *Grande Sertão Veredas* (1986), *Bandoleiros* (1988), *Hotel Atlântico* (1989), *O Quietos animal das esquinas* (1992), escritos, respectivamente, por Caio Fernando Abreu, Silvano Santiago, Guimarães Rosa e os três últimos por João Gilberto Noll, que não apenas focam no prisma político, mas, sobretudo abordam a questão da identidade do sujeito envolvendo as personagens e seus conflitos.

Se a crítica tem Adolfo Caminha, Caio Fernando Abreu, João Gilberto Noll e João do Rio como grandes nomes da literatura gay, nas últimas décadas, tem surgido outros autores acompanhados por suas obras com grande valor estético que necessitam ser descobertas tanto pela crítica quanto pelo público leitor. Entre os mais de duzentos títulos listados por Silva (2016), através de uma pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), estão: *O beijo no asfalto* (1961) e *O Casamento* (1966), de

Nelson Rodrigues; *No País das sombras* (1979), *Memórias da guerra* (1986) e *Lábios que beijei* (1992), de Aguinaldo Silva; *Cinema Orly* (1999) e *Ratos* (2007), de Luís Capucho; *Cão danado solto na noite* (1999), de Ricardo Thomé; *Um estranho em mim* (1999), Marcos Lacerda; *Devassos no Paraíso* (2000) e *Triunfo dos pelos e outros contos GLS* (2000), organizado por João Silvério Trevisan; *Apartamento 41* (2001), de Nelson Luiz de Carvalho. Soma-se às referidas obras a coletânea de contos homoeróticos organizada Luiz Ruffato (2007), que reúne textos de autores, como Lygia Fagundes Telles, Rubem Fonseca e João Silvério Trevisan, Marina Colasanti. Isso leva Silva (2016) a afirmar que, na década 1980, tivemos uma intensa produção dessa literatura, enquanto as décadas seguintes serviram para a sua consolidação, ainda que seja contestada e pouca divulgada.

Os títulos mencionados fazem parte de um projeto de autoria que busca esteticamente, através de sua linguagem, aproximar o leitor da vivência das pessoas que se relacionam sexual e afetivamente com outro do mesmo sexo, porém, podem servir para reforçar preconceitos, formas simbólicas de exclusão. Por isso, torna-se importante destacar obras que não procuram apenas conquistar um público leitor, mas que, através de suas demandas políticas em torno das sexualidades, pretendem fixar-se na literatura contemporânea, ser objeto de investigação da crítica literária, a saber: *Na companhia dos Homens* (1999), de Alexandre Ribondi; *Cicatrizes e tatuagens* (2007), Felipe Alface; *Poesia gay underground: histórias e glória* (2008) de Hugo Guimarães. Na esteira dessas produções, temos aquelas que contestam, travam questionamentos relacionados às condições ou modos de estar de sujeitos dentro das narrativas voltadas para o público infanto-juvenil, entre elas: *Meus dois pais* (2010), Walcyr Carrasco, *O gato que gostava de cenoura* (2001), de Rubem Alves e *É proibido miar* (2009), de Pedro Bandeira.

Diante deste panorama, cabe, aqui, questionarmos e buscarmos compreender como a literatura baiana abarcam as identidades e diversidades sexuais no interior de suas obras. Começamos por aquele que é considerado como um dos maiores escritores da literatura modernista: Jorge Amado, que traz em suas obras personagens homossexuais, como por exemplo: O pai e o filho, personagens de um conto escrito pelo jornalista Ticiano em *O país do Carnaval* (1982); Felipe e Sem dentes, de *Jubiabá* (1978); Machadinho, Miss Pirangi e Fernand, de *Gabriela, cravo e canela* (1975); além de Franz e um negro apelidado de Medonho, em *Suor* (2011). Sobre as duas obras citadas por último, faremos uma breve discussão.

Em *Gabriela, cravo e canela* (1975), obra mais traduzida do escritor baiano e a mais adaptada para a TV, três no total, em 1961, 1975 e a última em 2012, Jorge Amado faz uso de termos como invertidos, xibungos para se referir a personagens homossexuais, como os excertos abaixo evidenciam:

[...]– Por falar em tabuleiro, me serve alguma coisa pra acompanhar. Um tira-gosto qualquer. – Não tá vendo que não tem? Só de tarde. Minha cozinheira foi embora Nhô-Galo fez-se engraçado: – Por que você não contrata Machadinho ou Miss Pirangi? Tratava-se dos dois invertidos oficiais da cidade. O mulato Machadinho sempre limpo e bem arrumado, lavadeira de profissão [...]. (AMADO, 1975, p. 78).

Além de serem taxados como “invertidos”, os personagens Machadinho e Miss Pirangi não aparecem na obra, são apenas mencionados por Nhô-Galo. Sobre Machadinho, temos uma descrição feita pelo narrador como “sempre limpo e bem arrumado, lavadeira de profissão, em cujas mãos delicadas as famílias entregavam os ternos de brim branco HJ, as camisas finas, os colarinhos duros” (AMADO, 1975, p. 78), que se os moleques o vissem a caminhar a noite pela praia tacavam-lhe pedras. Fica evidente que o personagem sofre com ataques violentos por causas de suas práticas “viciosas” que afrontavam a família cristã da sociedade em que a obra era ambientada, sem levar em conta que a ele é atribuído o substantivo “lavadeira”, uma profissão executada por mulheres.

Outro personagem rotulado como anormal é Fernand, cozinheiro que chega à cidade vindo do Rio de Janeiro para substituir Gabriela na cozinha do restaurante de Nacib. Já na sua chegada, o narrador o classifica como “estranha criatura” que possui uns “modos afeminados”, o que a concepção de que, ao homem, é destinado um padrão de comportamentos, como ele não se encaixa nesse padrão, a sua sexualidade é vista como vício, doença.

Os mesmos termos pejorativos e preconceituosos são proferidos pelo narrador na direção do personagem Franz, no romance *Suor* (1971), de origem alemã. O professor de piano, que um dia foi sacristão, tem uma “alma feminina” e paga aos homens com quem tem relações, motivo pelo qual é chamado de xibungo. Medonho, um vendedor de frutos, que apesar de ser homossexual é respeitado por ser mais viril:

Apesar de porco e feio, beiços grossos e nariz chato, alguns o elogiavam. Demais oferecia feijoada e pinga aos admiradores e cantava sambas e marchas da moda. Não dava nem recebia dinheiro. Sentia nojo de Franz, alemão porco que fazia buchê. Talvez por tudo isso, quando medonho passava com o tabuleiro de frutas (...) os homens sentados à porta do 68 nada diziam, não faziam pilhérias. Se era, porém o alemão quem passava (...) eles assobiavam e gritava:  
- Xibungo!Xibungo! (...). (AMADO, 1971, p. 51).

Por conseguinte, a obra amadiana reforça os estereótipos quando destina aos personagens homossexuais um lugar de silêncio, uma vez que a eles não é atribuída grande importância para a narrativa ou surgem no último capítulo, como é o caso de Franz, em *Suor*. Ainda, no campo da ficção baiana, é possível encontrar outras obras, em suas tramas,

personagens que, em conflito com sua sexualidade, não utilizam rótulos de identidades estabelecidas para defini-las, como em *Corações, Blues e Serpentinhas* (2007), de Lima Trindade, composta por quinze contos, entre eles “Noite num hotel da Asa Norte”, “Então é isso” e “Anjinho Barroco”. Ao longo da narrativa, Trindade apresenta sujeitos que experimentam a solidão, como é o caso do protagonista do primeiro conto citado, passando pelo medo da não aceitação da sua orientação sexual, seja por parte de uma sociedade homofóbica ou das instituições religiosas que, por meio do discurso conservador, reforçam os preconceitos contra indivíduos que desejam viver livremente sem serem atrelados a nenhuma categoria de gênero demarcada.

Mesma ânsia compartilhada por Thiago, protagonista da novela *O sol que a chuva apagou* (2009), por Luísa e Michael, personagens principais de *Primavera nos Ossos* (2010), escritas por Leilla. Em *O sol que a chuva apagou* (2009), acompanhamos a volta de Thiago da Inglaterra após a morte do seu namorado. Aqui no Brasil, ele começa a tocar na banda de rock do seu irmão, entre guitarras e baterias acaba se apaixonando por um dos integrantes do grupo, Felipe. No decorrer da narrativa, mesmo sendo heterossexual, possuir namorada e viver saindo constantemente com as fãs, Felipe acaba se envolvendo e mostrando interesse; no fim do conto, expressa seus sentimentos por Thiago.

Já em *Primavera nos Ossos* (2010), obra que é dividida em três partes, Leilla apresenta-nos Luísa, uma mulher que, durante a infância, se apaixonou pelo amigo do seu irmão, uma paixão que perdura até a vida adulta, e mesmo Michael assumindo ser homossexual, eles se casam. Porém, passados cinco anos, o esposo de Luísa vai morar em outra cidade com um rapaz pelo qual se apaixonou.

Desta forma, podemos afirmar que tanto os personagens de Leilla quanto os de Trindade buscam questionar/problematizar o lugar de privilégio ocupado pela heterossexualidade, as categorias sexuais que a sociedade cria para enquadrar homens e mulheres. Em ambas as escritas, encontraremos sujeitos que nos incitam a refletir sobre as diversas formas de viver as sexualidades livre das amarras de gêneros binários. Como Samuel, personagem principal do conto “Noite num hotel da Asa Norte”, de Lima Trindade, que se define como um indivíduo aberto, mas apesar de transar com homens, não se define como gay. Também podemos tomar como exemplo Thiago de *O sol que a chuva apagou* (2009) que, no meio de uma relação sexual com Felipe, lembra-se do rosto de Maria Alice, amiga de infância com quem se relacionou, mesmo gostando de pessoas do mesmo sexo.

Diante desse breve panorama sobre o personagem homossexual na literatura baiana, voltemos à pesquisa coordenada por Regina Dalcastagné (2005), a qual detecta que os autores

nascidos pós 1950 são responsáveis por inserir em suas narrativas 73,3% dos bissexuais e 66,7% dos homossexuais, entre os homossexuais 79,2% são do sexo masculino. Ainda de acordo com os dados coletados pela pesquisa, é possível traçar um perfil do personagem homossexual na literatura brasileira, retratado em sua maioria na idade adulta; 47,9 % pertencem a uma elite intelectual e econômica; não há menção à cor ou raça em pelo menos 11,4% e 12,5% sofrem de alguma doença, principalmente da AIDS. É importante frisar que o foco dessa pesquisa é fazer uma investigação a respeito do personagem do romance contemporâneo entre o período de 1990 e 2004; utilizando mesma metodologia adotada por tal pesquisadora, pretende-se observar o perfil do personagem homossexual na ficção baiana contemporânea.

### 2.3 “RESOLVER, RESOLVER”: HENRIQUE E AS (IN)DEFINIÇÕES SOBRE GÊNERO

Como vimos em uma das seções de nossa análise, na obra *Henrique* (2001), o protagonista homônimo questiona o binarismo: ser homem, ser mulher, bem como as noções de gêneros; através do seu relacionamento com Victor, já na infância ambos demonstram possuir visões distintas a respeito do assunto, como podemos observar mediante seus comportamentos no momento do primeiro entre os dois amigos:

Eu me envergonhava com medo de parecer com medo de parecer fresco – sempre tive repugnância a essa palavra – e me afastava dele muito confuso. No fundo da sala de aula, no pátio, na lanchonete, só tinha um desejo: beijá-lo, beijá-lo e beijá-lo. Comecei a ter montes de medo.

- De quê? – ele perguntava irritado.

- De tudo.

As coisas se misturavam. Eu ia ficando pesado e sentia que o Victor ora evaporava, ora tornava-se também compacto. De nossa história faziam parte todos os paradoxos, todos os adornos e obsessões adolescentes. Mas quando ele me beijou tremia muito.

- Nem parece um homem – ele proferiu ríspido – com esses modos de menina bobona. (LEILLA, 2001, p. 44).

O diálogo segue e, após Victor indagar qual o motivo de andar tão estranho, em silêncio, do que possuía tanto medo, Henrique admite que não é homem, não se identifica com o sexo masculino, pois, não sente desejo por mulher, chora, emociona-se, não atende aos “pré-requisitos” necessários para ser homem. Diante de tal afirmação e da forma com que Victor compreende a relação entre ambos, fica problematizada a questão do que vem a ser homem ou mulher, o que pode, ou não, fazer o indivíduo do sexo masculino. Perante tal “confusão” feita por Henrique, Victor rebate não ter “saco pra esse lenga-lenga”, como está posto a seguir:

- Essa presepada sua aí – ele afinou a voz – “Não sou homem mesmo não”, “tenho medo” e não sei mais o quê. Pensa que tenho saco pra isso? Não tenho! Tem que resolver logo.
- Resolver o quê?
- Resolver, resolver! Ora! Se é homem, se é mulher. Que diabo vai ser afinal.
- Como vou resolver isso?
- Sei lá. Quem mandou inventar que não é homem? Onde já se viu tamanha besteira?
- Não inventei nada, falo o que sinto.
- Mas o que é que você sente? Que não é homem?
- Não sei. Me sinto assim... nem uma coisa nem outra.
- Ele se levantou outra vez nervoso.
- Não pode, porra, nem uma coisa nem outra não pode! No mundo só se pode ser uma coisa ou outra, entendeu? O mundo tem homem e tem mulher e você não pode dizer “nem uma coisa nem outra”. Tem que escolher.
- Peraí, cara. Se houvesse isso de escolher, tinha que ser antes de a gente nascer. Agora a gente já está aqui, com esse corpo e tudo. (LEILLA, 2001, p. 47).

Fica explícito que as categorias binárias de gêneros não o definem. No bate-papo entre os dois grandes amigos, algumas falas merecem destaque: Rique nunca dissera que era mulher, tampouco entende o porquê de Vic não simpatizar com as mulheres. Uma certa tensão se instala quando Vic, que já deixou claro não gostar de mulher, sente desejo pelo sexo oposto, força Henrique a “resolver” o que ele é, o que deseja ser. Como resposta, escuta que não existe uma solução, apenas sente que não é uma coisa nem outra. Para Victor, “não pode, nem uma coisa nem outra não pode! No mundo só se pode ser uma coisa ou outra, entendeu? O mundo tem homem e tem mulher e você não pode dizer “nem uma coisa nem outra”. Tem que escolher” (LEILLA, 2001, p. 47).

A conversa é um pouco extensa, mas, por hora, paramos por aqui, uma vez que os excertos destacados anteriormente se tornam significativos para nos aprofundarmos nas noções de gênero, construção dos corpos e das sexualidades, mesmo que brevemente, sem a intenção de esgotá-los, dado que temos um personagem que questiona o binarismo, a necessidade de se rotular, em paralelo àquele que deseja corpos masculinos e ver a inevitabilidade de se ter uma posição fixa, pois, ao afirmar que não é homem, se colocaria como uma mulher.

Com vistas de analisar tais questões sobre a noção de corpo, recorreremos aos estudos de Michel Foucault (1999). Segundo o filósofo francês, o corpo é uma matéria constituída por carne, ossos, órgão; essa matéria é flexível, adaptável pelas técnicas de disciplina: “o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam” (FOUCAULT, 1999, *online*). Mas como o corpo sofre a ação das relações de poder? Em sua obra *Vigiar e Punir*, publicada pela primeira vez em 1975, Foucault (1999) cita que, até o século XVIII, o corpo do condenado era alvo de tortura física, de suplício, como uma das principais formas de punição, é colocado como exemplo, de modo que aqueles que assistem ao espetáculo em praça pública,

não venha a cometer a mesma infração. No entanto, com o surgimento da sociedade moderna, dos ideais iluministas, mudam-se as técnicas disciplinadoras, não mais punir o indivíduo fisicamente, mas busca domesticá-lo, pois o essencial é procurar corrigir, reeducar, “curar” aqueles considerados anormais, indisciplinados, torná-los dóceis. Para Foucault (1999), “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1999, *online*), é o corpo que foi trabalhado arduamente, fabricado detalhadamente pelo poder disciplinar, o corpo dócil se faz por meio da sua utilidade econômica e sua obediência política:

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo — ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. (FOUCAULT, 1999, *online*).

Além de obediente e submisso, o corpo dócil, é produtivo. Nesse processo de submissão, o controle não é obtido pelo uso de castigos, da força; a disciplina age para produzir esses corpos, estipula o que pode e o que não deve fazer:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados "corpos dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). (FOUCAULT, 1999, *online*).

O corpo se tornou objeto de interesse do poder, pode ser calcado, instruído e reordenado, através de técnicas de dominação. Assim, o corpo deve ser treinado, vigiado, investigado em cada detalhe, quanto mais dócil, submetido, reprimido, menor será a chance de ele exercitar seu pensamento crítico e político, de questionar o poder. Cabe à família, a escola, aos quartéis, se necessário, à Igreja, a hospitais e à prisão e fábrica aplicarem as duras técnicas de dominação; o carrasco é substituído pelos guardas, pelos médicos, psiquiatras, educadores etc.

Foucault (1999) argumenta que o corpo deixa ser alvo das penas, passa a ser instrumento para alcançar a alma dos ditos desviantes, os sujeitos não são mais castigados pelas suas transgressões, “não mais sobre o que eles fizeram, mas sobre aquilo que eles são, serão, ou possam ser. [...] começaram a julgar coisa diferente além dos crimes; a “alma” dos criminosos” (FOUCAULT, 1999, *online*), passam-se a julgar os impulsos, as paixões, os desejos, começam-se a construir discursos científicos/políticos normalizadores que visam ratificar a posição ocupada por um certo grupo que usufrui de privilégios, em detrimento daqueles considerados

indisciplinados por transgredir as regras fixadas, ou seja, excluindo outros corpos, os corpos ditos abjetos, nas palavras de Judith Butler (2019).

Em entrevista para as professoras Baukje Prins e Irene Costera Meijer do Departamento de Estudos da Mulher, que faz parte do Instituto de Artes da Universidade de Utrecht, na Holanda, ao ser questionada sobre quais corpos podem ser considerados como abjetos, Butler afirma que o corpo abjeto “relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante” (PRINS; MEIJER, 2002, p. 161).

Como exemplo, ela cita os refugiados libaneses e turcos, além dos pacientes com problemas psiquiátricos. Cabe, então, questionarmos o porquê desses corpos não possuírem legitimidade/representatividade. Seria a heterossexualidade ocasionadora desta exclusão? Butler (2019) explica que abjeção se revela ao especificar quem são esses corpos abjetos, além disso considera que “a abjeção de certos tipos de corpos, sua inaceitabilidade manifesta-se por políticas e na política” (PRINS; MEIJER, 2002, p. 157). Nessa perspectiva, “o abjeto não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade” (PRINS; MEIJER, 2002, p. 161), cada sociedade fabrica seus corpos abjetos.

Sobre o conceito do que é ser homem/mulher, recorreremos aos autores que apontam essas categorias como construção, a título de exemplo, temos Simone de Beauvoir que, em sua obra *O Segundo Sexo: a experiência vivida* (1967), afirma que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário” (BEAUVOIR, 1967, p. 9); portanto, o gênero é construído socialmente, esse pressuposto do sexo ser natural e o gênero uma construção, leva Butler (2003), em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, declarar que “nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (BUTLER, 2003, p. 26).

Butler (2003) alega que a afirmação de Beauvoir sugere que o gênero é variável e volitivo, permitindo assim ao sujeito a escolha de “tornar-se”, seja qual for seu sexo, pois “não há nada em sua explicação [de Beauvoir] que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea” (BUTLER, 2003, p. 27). Resistimos ao determinismo biológico, mas não da compulsão cultural, uma vez que, como argumenta a autora: “[...] não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais” (BUTLER, 2003, p. 27). Com relação a esse aspecto, a socióloga Berenice Bento (2006) postula que, antes mesmo de nascer, quando ainda se é “promessa”, existe um conjunto de expectativas a respeito sobre qual comportamento adotará o corpo, logo confirma a ideia do protagonista Henrique que, “se houvesse isso de escolher, tinha que ser antes de a gente nascer” (LEILLA,

2001, p. 47), já que como aponta Bento (2006, p. 89), “os corpos já nascem operados, o corpo já nasce maculado pela cultura”.

Quando o médico informa sobre o sexo do bebê, se é um menino ou uma menina, logo os pais começam a planejar as cores do quarto, quais objetos da decoração, quais brinquedos e roupas serão comprados, principiam a idealizar o futuro daquele corpo que está por vir ao mundo. Após o nascimento, ainda na infância, uma série de proibições é imposta: bonecas, saias e vestidos para as meninas, bolas, calças, revólveres para os meninos ou ainda “homem não chora”, isso são “modos de menina bobona” ou como podemos observar quando Henrique relembra que narrava para Vic as histórias extraídas dos livros de seu pai:

Eu para retribuir, contava histórias roubadas nos livros de meu pai. Não entendia muito a maioria delas, mas não importava, queria ter coisas pra contar quando chegássemos no topo do telhado, pra provocar o silêncio aconchegante dos olhos verdes dele cravados em mim. Uma vez ele me perguntou: você vai me contar uma história de menino ou de menina? E como eu nunca sabia diferenciá-las, fiquei confuso, esqueci o começo, não pude responder. O que era história de menino? perguntei cismado. História que vale pra nós dois, que pode acontecer comigo ou com você, ele disse, simples, bem simples. Ah, sim, e como eu poderia saber com certeza o que servia pra nós dois? (LEILLA, 2001, p. 81).

Para o protagonista, não há a necessidade de validar os rótulos, os mesmos comportamentos que um menino pode ter, também, é válido para as meninas. Lembremo-nos de algumas outras falas de Henrique e de Victor em seus diálogos: a) “nem parece um homem – ele proferiu ríspido – com esses modos de menina bobona” (LEILLA, 2001, p. 44), “tudo bem – ergui os olhos à procura dele – Não sou homem mesmo não. Pronto.”, “nunca lhe disse que eu era mulher...”, “no mundo só se pode ser uma coisa ou outra, entendeu? O mundo tem homem e tem mulher e você não pode dizer “nem uma coisa nem outra” (LEILLA, 2001, p. 47). Esse ponto da discussão nos leva até as reflexões sobre o binarismo feitas por Beauvoir (1970, p. 9) ao sustentar que, “em verdade, basta passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestamente diferentes” ou como define Bento (2006), “dois corpos diferentes, dois gêneros e subjetividades diferentes” (BENTO, 2006, p. 71), ideia essa que exprime o pensamento que determinados atributos são comuns a todos os indivíduos.

Um outro fator nos chama atenção na obra em destaque relacionada à descrição de Victor: viado-macho, possuidor de pernas belas e grossas, que denunciavam o macho que as sustentavam, tão forte que, “no colégio, na rua era sempre temido. Ganhava todas as brigas, batia forte e sem pena naqueles que o desafiassem” (LEILLA, 2001, p. 43), enquanto Henrique

se “envergonhava com medo de parecer fresco – sempre tive repugnância a essa palavra [...]” (LEILLA, 2001, p. 44), foge das performatividades de gênero conceituadas por Butler (2003).

As discussões apresentadas evidenciam que Henrique deseja viver livre de qualquer categoria limitante, escarra nas pessoas, nos comportamentos, nos valores fundamentais do “certo-mundo-normal”: “homossexual não era só palavra, mas a ideia, a predeterminação que generosamente, me davam. E eu queria passar a léguas.” (LEILLA, 2001, p. 61). Ou seja, ele deseja sair mesmo desta grande “merda” que é o mundo, que nos obriga a pôr a máscara de forte e criar ironias como defesas dentro dele, e por isso o protagonista suspira à procura de um canto onde pudesse ficar bem, longe dessa “coisa tão humana e cansativa e vital” que a tudo tem-se que “nomear, nomear, nomear” (LEILLA, 2001, p. 118), rompendo estereótipos, retirando mordças, como sinalizaremos no próximo capítulo.

### 3 A MORDAÇA: RETALHOS DO INCESTO NA LITERATURA BRASILEIRA

Como já posto anteriormente, a repulsa da Igreja em relação à literatura homoerótica está baseada nos textos sagrados que condenam as práticas sexuais entre indivíduos do mesmo sexo, como o Livro de Levítico: “não se deite com um homem, como se fosse com uma mulher: é uma abominação. [...] O homem que se deita com outro homem, como se fosse mulher, está cometendo uma abominação. Os dois serão réus de morte” (LEVITICO 18:22; 20:13). Segundo Fernandez (2015), a igreja e a religião que exerceram influência sobre as artes, batizou as obras que abordavam os “desejos perversos” dos personagens como “literatura de Sodoma”. Por conta disso, muitos autores sofreram censuras e perseguições, a exemplo de Oscar Wilde, poeta e dramaturgo inglês, escritor do romance *O Retrato de Dorian Gray* (2001), publicado originalmente em 1890, que foi julgado e condenado a dois anos de prisão e trabalhos forçados pelo crime de sodomia. Terminologia utilizada pejorativamente para nomear o desejo homoerótico, tem sua etimologia na cidade bíblica Sodoma, a qual Deus aniquilou com enxofre e fogo por conta dos pecados de seus habitantes, entre eles, o sexo anal entre homens, conforme o Livro de Gênesis:

O clamor contra Sodoma e Gomorra é muito grande e o pecado deles é muito grave. [...] Eles ainda não haviam deitado, quando os homens da cidade rodearam a casa. Eram os homens de Sodoma, desde os jovens até os velhos, o povo todo, sem exceção. Chamaram Ló e lhe disseram: “Onde estão os homens que vieram para a sua casa esta noite? Traga-os para que tenhamos relações com eles”. O sol estava nascendo quando Ló chegou a Segor. Então Javé fez chover do céu enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra; destruiu essas cidades e toda a planície com os habitantes das cidades e a vegetação do solo. (GÊNESIS 18:20;19: 4-5, 23-25).

Assim, a igreja e a religião influenciaram e elaboram um discurso visando ao controle e à vigilância dos corpos e das sexualidades. Durante a Era Vitoriana, século XIX, entendia-se a sexualidade como reprimida, pouco se falava, era “cuidadosamente encerrada”, poderia se falar sobre o casamento e a sua finalidade de reprodução, no único espaço social da casa: o quarto do casal. Com o advento da Reforma Protestante, passou-se a examinar as vontades, os pensamentos, a alma, através do sacramento da confissão, tudo deveria ser dito, inclusive sobre o sexo. Segundo Foucault (1988), houve um estímulo a falar sobre o sexo, se tornou um interesse público, uma questão de polícia, passa-se a controlar, regular o sexo através da multiplicação dos discursos.

Essa incitação para que, do sexo, se fale é nutrida por uma vontade de saber, para que possa controlá-lo, dominá-lo por meios de proibições definidas pelas três instâncias que

regulavam atos sexuais e instituíaam o que era vetado ou não, são elas apontadas por Foucault (1988): o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. O foco dessas instâncias era o casamento. O sexo do casal era carregado de regras, vivia sob vigilância, violar os preceitos do matrimônio estava sujeito à condenação. Entre as condutas reprováveis estavam a infidelidade, a sodomia, o incesto espiritual ou carnal, e é justamente sobre este último que abordamos neste capítulo.

A proibição do incesto tem um cunho universal e visa preservar a instituição da família, pois, proíbe relações sexuais entre parentes consanguíneos. A Igreja Católica foi a encarregada de proibir e condenar a prática do incesto, através de seus sermões religiosos, determinando um silêncio sobre o tema, conforme aponta Foucault (1988), em *História da Sexualidade: a vontade de saber*:

[...] numa sociedade como a nossa, onde a família é o foco mais ativo da sexualidade e onde são, sem dúvida, as exigências desta última que mantêm e prolongam sua existência, o incesto, por motivos inteiramente diferentes, e de modo inteiramente diverso, ocupa um lugar central; é continuamente solicitado e recusado, objeto de obsessão e de apelo, mistério temido e segredo indispensável. (FOUCAULT, 1988, p. 103).

A proibição do incesto se torna vital para assegurar a moralidade da família. De acordo com Levi- Strauss (1982) *apud* Santos (2015), a negação do incesto retira do homem a condição de animal, e o leva à condição de civilizado, em função da passagem da natureza à cultura da humanidade. Ainda, conforme de Levi-Strauss, o homem é um ser biológico e social, ao mesmo tempo, logo, tudo que é universal no homem refere-se à ordem da natureza e tudo que está relacionado a uma norma pertence à cultura, por conseguinte, a proibição do incesto enquanto regra, é social, e ao mesmo tempo é pré-social. Tal categoria deve-se ao fato de sua universalidade, que impõe ao homem regras, estabelecidas por sua própria consciência, “essa interdição, sob uma forma ou outra, vale, portanto, para toda sociedade e todo indivíduo” (FOUCAULT, 1988, p. 121).

Por sua vez, Freud (2013) entende o tabu do incesto como vinculado à necessidade de se recusar o desejo poderoso de sentimentos vinculados entre o filho e a mãe e entre a filha e o pai. Mas, afinal, o que faz da relação sexual entre familiares um tabu? Freud (2013) aponta que o tabu é uma palavra de origem polinésia e que possui duas definições: a primeira refere-se à sua conotação de sagrado ou consagrado e a segunda diz respeito ao aspecto inquietante, perigoso, proibido ou impuro. Na obra *Totem e Tabu* (2013), Freud traz o relato dos povos aborígenes australianos, que se dividem em clãs, e cada clã estabelecendo suas regras, normas,

seu totem. O totem pode ser um animal, uma planta ou força natural. Os clãs que são submetidos ao mesmo totem devem seguir e respeitar o conjunto de regras, portanto, estabelece que os membros de um único clã não devem manter relação sexual entre si. O homem é um típico animal, que luta para controlar seu caráter de selvageria e irracionalidade, para isso, cria tabus que simbolizam o que é sagrado, proibido, a palavra tabu define o caráter impuro de pessoas e objetos; natureza da proibição. Ao criar os tabus, o homem busca controlar seus instintos e manter a organização social. Nesse sentido, tanto para Freud, quanto para Levi-Strauss, a proibição do incesto é um fenômeno sociocultural que define o comportamento dos indivíduos. E, que a partir dele, o homem cria regras, proibições, através das quais os seres humanos elaboram vias para lidar com seus desejos, com sua sexualidade, que naturalmente fazem parte de suas necessidades biológicas.

O incesto é uma relação proibida pela Igreja, com base na Bíblia Sagrada. Em Levítico (18: 6-9), encontramos a condenação a este ato, “não tenha relações sexuais com sua mãe. [...] Não tenha relações sexuais com sua irmã, seja por parte de pai, seja de mãe, nascida em casa ou fora dela”. Todavia, na própria Bíblia, podemos identificar alguns casos de relações sexuais entre consanguíneos. No livro de Gêneses, por exemplo, verifica-se o caso de Ló que é embriagado por suas filhas, que aproveitam para se relacionar com ele, desse ato nascem Moab e Amon.

E subiu Ló de Zoar, e habitou no monte, e as suas duas filhas com ele; porque temia habitar em Zoar; e habitou numa caverna, ele e as suas duas filhas. Então a primogênita disse à menor: Nosso pai já é velho, e não há homem na terra que entre a nós, segundo o costume de toda a terra; vem, demos de beber vinho a nosso pai, e deitamo-nos com ele, para que em vida conservemos a descendência de nosso pai. E deram de beber vinho a seu pai naquela noite; e veio a primogênita e deitou-se com seu pai, e não sentiu ele quando ela se deitou, nem quando se levantou. E sucedeu, no outro dia, que a primogênita disse à menor: Vês aqui, eu já ontem à noite me deitei com meu pai; demos-lhe de beber vinho também esta noite, e então entra tu, deita-te com ele, para que em vida conservemos a descendência de nosso pai. E deram de beber vinho a seu pai também naquela noite; e levantou-se a menor, e deitou-se com ele; e não sentiu ele quando ela se deitou, nem quando se levantou. E conceberam as duas filhas de Ló de seu pai. E a primogênita deu à luz um filho, e chamou-lhe Moabe; este é o pai dos moabitas até ao dia de hoje. E a menor também deu à luz um filho, e chamou-lhe Ben-Ami; este é o pai dos filhos de Amom. (GÊNESIS 19: 30-38).

Em Gênesis (20: 11-13), Abraão casa-se com Sara. Ambos eram filhos do mesmo pai, mas com mães diferentes. Ainda no Antigo Testamento, no livro II Samuel, encontramos o caso de Amnon e Tamar, filho e filha de David, respectivamente, porém de mães diferentes, Amnon estupra Tamar:

Amnon disse: “Mande sair daqui toda essa gente!” E todos saíram. Então Amnon disse a Tamar: “Traga você mesma a comida aqui no quarto, para eu comer”. Tamar pegou os pastéis que tinha feito e levou para seu irmão, no quarto. Quando ela apresentou a comida, ele agarrou-a e disse: “Durma comigo, minha irmã”. Ela retrucou: “Não, meu irmão. Não me violente, pois isso não é coisa que se faz em Israel. Não cometa essa infâmia. Aonde eu iria esconder minha vergonha? E você seria um infame para Israel! Fale com o rei, e ele não recusará que eu me case com você”. Amnon, porém não deu atenção ao que ela falava: dominou-a com violência e teve relações com ela. (II SAMUEL 13: 9-14).

Ao longo da história, houve nas sociedades registros de uniões consanguíneas, como nas civilizações dos incas, no Egito Antigo com ocorrência de matrimônio entre os irmãos reais e, no Sudão, entre os reis e suas filhas, como nos esclarece Werner (1987 *apud* CAMPOS; GOMES; GODOY, 2016), enquanto perseguição às práticas incestuosas no campo e no meio urbano, houve um atijamento ao incesto nas famílias que pertenciam à burguesia,

Ora, na mesma época, organizava-se uma caça sistemática às práticas incestuosas, tais como existiam no campo ou em certos meios urbanos a que a psicanálise não tinha acesso.[...] Enquanto o dispositivo de sexualidade, desde o século XVIII intensificara as relações afetivas, as proximidades corporais entre pais e filhos, enquanto houvera uma constante incitação ao incesto na família burguesa, o regime de sexualidade aplicado às classes populares implica, ao contrário, na exclusão das práticas do incesto ou, pelo menos, em seu deslocamento para outra forma. (FOUCAULT, 1988, p. 122).

Para a classe trabalhadora, havia uma rigorosa proibição das relações sexuais entre parentes, as famílias acusadas de praticar tais atos por “hábito de devassidão” perdiam a tutela das crianças, criou-se um conjunto de medidas jurídicas que visam proteger a infância. E os filhos gerados por essas relações incestuosas possuem algum direito jurídico? Para responder essa questão, recorreremos a Gomes (2015), professora de prática jurídica em núcleos jurídicos nas faculdades de Direito, com ênfase em direito de família e direito do consumidor: apesar dos direitos assegurados na Constituição Federal de 1988, os filhos oriundos dessas relações encontram dificuldades para que as prerrogativas da lei lhe sejam garantidas. No Brasil, o Código Civil de 1916 não permitia que o filho incestuoso fosse registrado no nome do pai biológico, constando em sua certidão de nascimento apenas o nome da sua genitora. Algo que muda com a Constituição Federal de 1988 “quando em seu art. 227, §6º, igualou todos os filhos concedendo os mesmos direitos e qualificações, proibindo qualquer tipo de discriminação” (GOMES, 2015, *online*).

Devemos salientar que o incesto continua sendo condenável pela Igreja, porém não existe uma lei no Código Penal que o proíba, exceto que este seja cometido contra menores de idade, sendo caracterizado como crime de estupro. Já na ocorrência de união carnal, o Novo Código Penal, em seu artigo 1512, determina que não podem casar os ascendentes com os

descendentes, seja o parentesco natural ou civil, nem os irmãos, unilaterais ou bilaterais e demais colaterais, até o terceiro grau inclusive, ambos nos incisos I e IV, respectivamente.

### 3.1 O AMOR LIVRE DE QUALQUER SENTENÇA

Retomando a obra sob análise, vemos que Luís se opõe a essa ideia de “entenderem o incesto como um crime imperdoável ou perversão”. Ele detesta a palavra incesto, confessa para Henrique, que tivera uma relação sexual com seu irmão Leão, mais que uma atração física, era um amor de criança e crescera com adolescência até que o pai de ambos descobre e os expulsam de casa:

Meu pai me contou uma vez a sua história, ou parte dela, talvez. Quando completara cinco anos e o tio Leão tinha oito, a mãe os pegara nus. Cinturas coladas, fundindo-se numa só. Foi um escândalo. Ah! Ele adorava o Leão, cresceram assim, unidos. Dormiam abraçados sempre que podiam. Acariciando-se, mordendo-se um ao outro. Faziam tudo juntos. E apanhavam juntos também. Os pais estranhavam tanta proximidade. – E trepávamos sempre. Muito além do que podíamos. Não tínhamos outros amores. Éramos um pro outro. Até os meus 17 anos, ninguém sabia que a gente se amava. A-t-é-q-u-e-u-m-d-i-a....– Enfim, descoberto tudo, ficou claro que não era só uma brincadeira de criança, pois, mesmo depois daquele flagra (pelo qual fomos seriamente punidos, é bom que se lembre), nós nunca deixamos de nos amar. Então vieram mais porradas, todas as repressões, todas as pieguices, todos os chavões dramáticos. (LEILLA, 2001, p. 63-64).

Depois do flagrante, os irmãos foram duramente castigados, excomungados, não só pelo pai, mas pelas pessoas pertencentes à comunidade católica da cidadezinha do interior do Rio de Janeiro, onde eles moravam. Leão quase foi linchado em praça pública e, por ser o mais velho, foi considerado o maior culpado. Por induzir o irmão ao pecado, “virou o monstro desnaturado que transa com o irmão e bate no pai” (LEILLA, 2001, p. 65). De acordo com Foucault (1999), eram considerados os monstros aqueles indivíduos que praticavam “atitudes consideradas desviantes, como o homossexualismo; que tinham apetite sexual exagerado, que transgrediam as regras socialmente colocadas” (FOUCAULT, 1999, p. 22).

A confissão de Luís mexe com o imaginário social, ao relevar um ato que quebra com o padrão disciplinar. Leilla (2001) abala as estruturas familiares com seus personagens que se permitem vivenciar relações com outros sujeitos do meio social, mesmo que esse outro sujeito seja seu irmão, até a descoberta do pai, que exalta a condição sagrada e pecaminosa do sexo entre os irmãos. Luís afronta as regras, os valores heteronormativos, violando os rótulos conservadores e de base judaico-cristã, pois não considera nenhum problema relacionar-se sexualmente com o irmão:

Mas essa coisa de entenderem o incesto como um crime imperdoável ou perversão...Por sinal, eu odeio essa palavra- *incesto*-, acho-a, por si só, abominável...Bem, sabe Deus que palavra seria adequada para uma história tão bonita como a minha e a do Leão...Eu não tenho o menor problema em assumi-la, percebe? Não concordo com esses rótulos históricos e castradores que as pessoas usam, a gente se deseja e pronto, danem-se os laços de sangue. (LEILLA, 2001, p. 67).

Luís se mostra transgressivo, cansado com as paranoias familiares, desconsidera os laços sanguíneos e permitir-se viver um sentimento amoroso de vínculo familiar, expressa sua crítica aos valores e as regras da cultura que condena o sexo entre irmãos. Luís revela-se mais uma vez ser violador das normas, ao não conter seus impulsos sexuais e manter relação sexual com seu próprio filho. Como já citado, a admiração que Henrique nutria pelo pai viera se transformar em desejo carnal, o sentimento fraternal é interrompido e dá lugar ao tesão, ao desejo do sujeito homem. Se Luís nunca tivera desejo para “essas histórias familiares sanguinárias”, desde o início, Henrique deixa claro sua libido pelo pai, todavia, tenta controlar seus desejos, reprimindo-os:

Eu também me sentia tonto se muito demorava a olhá-lo dentro daquela pele de cor tão delicada, que chegava mesmo a suavizar, como por encanto a virilidade dos músculos e pêlos negro. [...]. Ah! Mas se eu for ser mesmo justo na descrição do meu pai, terei o que chamamos trabalho gigante pela frente. (...) sobretudo, sejamos justos! Falar dos mamilos, os bicos rosados floreados de pelinhos. Negro no rosa. Rosa muito mais vivo que o das unhas e dos lábios. Pensava que desgraça não ter liberdade pra mordê-los, lambe vagarosamente em círculos.

[...]

Nossa, como eu estava cansado! Cada vez que ele frisava minha importância em sua vida, eu me sentia desmoronar dentro da vontade absurda de leva-lo pra cama. A vontade me comia inteiro. Era possível separar o ser maravilhoso que me educara, o grande amigo que era e o homem que volta e meia me tirava o fôlego? (LEILLA, 2001, p.37-90)

Henrique não queria mais o pai amoroso, o professor e amigo que tanto admirava, desejava possuir aquele corpo que tanto o enlouquecia, desejava ter como amante aquele pelo qual anseia a vida toda. A tara fala mais alto do que aquilo que é permitido e, em uma relação edipiana, pai e filho se amam:

O contrário de Laio & Édipo... – sorriu meio pra si – Bem, você sabe que eu concebo o amor como um ato sagrado e livre de quaisquer implicações ‘socioculturais’... Que estou dizendo? Não era exatamente essa palavra que eu queria... Ah, que escassez de sentença, não? Fico meio esvaziado nessas horas... É que também sempre considerei essa história de Édipo uma grande cascata, ou, se preferir, a forma mais enraizada de conter os impulsos sexuais, socializá-los, distribuí-los de maneira que o progresso da humanidade não fique ameaçado... Eu não sabia o que dizer diante da lucidez de Luis. Me sentia despreparado pra qualquer coisa que não fosse *aquilo que meu corpo pedia*,

ou seja, o corpo dele. Então lhe confessei que eu estava meio confuso, mas que nem por isso queria abrir mão do meu desejo.

[...]

Esperou que eu entrasse primeiro no quarto, e quando o fez, foi como eu o convidasse: passos demorados, olhares em círculo. Pensei que ele agia assim pra me deixar à vontade. Parei de tremer, que fosse tudo pro inferno. Perto dele só achei paz. Nas elaborações dos carinhos, nos gemidos, nos ‘eu te amo’, termos que trocamos. Eu ia imitando os gestos dele: se ele me chupava, eu retribuía, se buscava minha boca, eu retinha também a dele. Ele disse que me amava. Me apertava nos ombros, aproximando nossas respirações exaltadas. Orelhas envolvidas por línguas. O aglomerado de cheiros expulsou de vez qualquer tensão. Verbo quase não houve. (LEILLA, 2001, p. 92-94).

O leitor está diante daquilo que Freud (2013) considera como aspecto crucial da sexualidade humana, o Complexo de Édipo. Para fundamentar sua teorização, Freud, recorre a clássicos da literatura e do teatro, como a tragédia grega *Édipo Rei*, do dramaturgo Sófocles, por volta de 427 a. C.

Cabe aqui um pequeno resumo para contextualizar: na peça, Laio, rei de Tebas, descobre que teria um fim trágico, estava amaldiçoado a ser morto pelo filho que tivera com sua esposa, Jocasta. Diante de tal revelação do oráculo, o rei decide se livrar da criança após seu nascimento, ordena que um de seus servos abandone a criança no monte Cinterão. A criança, Édipo, é encontrada por um pastor e adotada pelo rei de Corinto. Anos mais tarde, ao aconselhar-se também com um oráculo, faz a mesma descoberta que Laio, porém, acreditando que a profecia se referia aos pais adotivos, resolve partir de Corinto. Em meio a sua fuga, acaba matando seu verdadeiro pai sem saber, ao chegar a Tebas e libertar a cidade das ameaças da Esfinge, ser mitológico, herda o trono do rei e casa-se com Jacosta, a viúva. Até que uma praga se abate sobre o reino e, tentando resolver a situação, em consulta novamente com o oráculo, ele se depara com a revelação de que se casara com a própria mãe, fato que o leva a furar os próprios olhos por sentir-se culpado.

Agora que já estamos familiarizados com a tragédia, voltemos a Freud, que se vale dela para explicar o desejo sexual que a criança possui pela figura materna e ódio ciumento que tem em relação ao sexo oposto. Conforme aponta Oliveira (2016), em carta enviada a Wilhelm Fliess no ano de 1896, Freud conta sobre um sonho que tivera depois da morte do pai, um sonho carregado de tristeza e culpa, porém será apenas no rascunho N da carta 64, escrita em 1897, que o pai da psicanálise faz menção direta ao Complexo de Édipo, ao afirmar que “parece que este desejo de morte, no filho está voltado contra o pai e, na filha, contra a mãe” (FREUD, 1950, p. 305 *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 150).

Ainda na carta 64, Freud relata um sonho “supercarinhoso” que teve com sua filha mais velha e revela ainda um outro sonho, “subindo uma escadaria, com grande agilidade, uma mulher subia atrás dele com uma sensação concomitante de excitação erótica” (OLIVEIRA, 2016, p. 150), assim como os diversos sonhos que nosso protagonista tinha com sua mãe e com seu pai, conforme descreve os trechos a seguir:

Eu virava na cama tentando adormecer [...]. Desde cedo, trepava com imagens cheias de detalhes sutis. Um homem quase como meu pai, mas com um chifre no lugar do nariz. Uma mulher estropiada, tendo por vagina um túnel, e olhos acobreados. E um elefante que variava sempre de cor. Pequeno, meio criança. Como eu. Trepava com os três.

[...]

Que eu saiba, era só um sonho, e começava com um tapa na mão. Ela me dava um tapa na mão e eu nem ria nem chorava. Um encostar de pele apenas, leve. Depois veio uma mordida, e mais uma. Depois a unhada, depois a boca na minha. Ela me beijou na boca e tinha um perfume de flores pisadas em seu pescoço. Eu retribuí, beijando-lhe os ombros, mordendo-lhes os seios, a barriga, prendendo a pele entre a língua e os dentes, sem querer feri-la, mas ferindo-a.  
(LEILLA, 2001, p. 19-110).

Sonhos que sinalizam seus desejos incestuosos, mesmo de forma inconsciente. Cabe aqui citar dois pontos importantes na discussão proposta por Freud, que dizem respeito à forma “negativa” do complexo. O primeiro deles, onde predomina o amor pelo progenitor do mesmo sexo e hostilidade pelo do sexo oposto. O segundo, faz referência à identificação do menino com o pai, escolhendo-o como objeto de desejo, o que Freud caracteriza como uma forma completa do Édipo.

Feitas tais considerações, voltamos ao ato sexual entre Luís e Henrique. O sentimento de culpa que levou Édipo a perfurar os próprios olhos, faz com que Rick tenha pesadelos, neles aparecem a imagem de Vic, uma voz o questionando se fizera amor com seu pai o deixa inquieto, o corrói, a ponto de quase confessar todas as suas “obsessões, a complicada vida sexual” para seu avô, “o homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente” (FOUCAULT, 1913, p. 59). Mas é impedido por Luís, que não vê necessidade de explicações, nem de confessar nada a alguém que irá apenas julgar seus atos, tal como um juiz, ou como um perito psiquiátrico, os educadores e agentes penitenciários que dividem o poder de avaliar, diagnosticar e não apenas punir, mas reeducar, corrigir. Henrique segue os passos de Luiz, já não se arrependia de ter mantido relações sexuais com ele, até que, na última vez que ambos foram para cama, o protagonista deseja furar os olhos, numa clara referência ao mito edipiano, deseja morrer e sobre ele recai o remorso, Razon (2007 *apud* Santos (2015) explica que

“quando se trata de incesto ou de atentado aos costumes, após a passagem do ato, o eu da vítima é subitamente confrontado com a confusão dentro-fora, uma vez que os limites corporais e psíquicos literalmente foram deslocados.” (RAZON, 2007, p. 50 *apud* SANTOS, 2015, *online*). Henrique, então, decide deixar de amar aquele que amava ao infinito e sem qualquer condição, Luís, para voltar a amar aquele que, de fato, era o seu único amor, Vic.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo o relatório *Observatório das Mortes Violentas De LGBTQIAP+ no Brasil - 2020*, organizado pelo Grupo Gay da Bahia, em parceria com a Associação Acontece Arte e Política LGBTQIAP+ de Florianópolis, nos últimos 20 anos foram contabilizadas a morte de 5.047 pessoas LGBTQIAP+ em nosso país, sendo 237 apenas no ano passado. Mais de 94% das mortes foram homicídios, ou seja, 224 foram pessoas assassinadas. Um outro relatório coloca a Bahia em um sangrento ranking, o de 3º estado do Brasil que mais matou mulheres trans e travestis em 2020, 19 no total, de acordo com o levantamento realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra).

Tais dados evidenciam a inegável existência da violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Sexualidades vistas como “desviantes” pelas normas e lei da heteronormatividade, sofrendo inúmeros processos de exclusão, violência e marginalização que se acumulam em diferentes esferas, até mesmo na literatura. Os indivíduos homoeroticamente inclinados sofreram fortes perseguições, seja por parte da Igreja seja através das ciências, por meio de técnicas disciplinares que visavam enquadrar, classificar e entender suas práticas sexuais. E, logicamente, tudo isso era refletido na literatura. Assim, ao refazer o percurso da literatura brasileira, para compreendermos como ela tratou esses sujeitos, verificou-se que eles foram, por muitas vezes, nomeados com expressões, como “invertido”, xibungo, “bixa”, descritos com características, trejeitos e exercendo profissões relacionadas ao sexo feminino. Do mesmo modo, averiguamos que as obras que abordavam sobre “o amor que não ousa falar o nome” foram, por muito tempo, consideradas literatura maldita, tiveram exemplares queimados em praça pública, seus autores foram perseguidos e até presos, como atos de censura, apoiados pela Igreja Católica.

Ao questionarmos qual nomenclatura se deve utilizar ao referir-nos aos textos da literatura contemporânea, que com o avanço das discussões sobre como esses sujeitos vivenciam suas sexualidades, verificamos que não existe um consenso por parte da crítica literária. Alguns autores consideram que a perspectiva homoerótica na literatura vai além da afetividade entre sujeitos do mesmo sexo e se baseia no modo de ver o mundo da personagem. Enquanto a literatura de expressão gay dá o direito à visibilidade, de falarem sobre si, de sentimentos ou atração por indivíduos do mesmo sexo (entre pais e filhos ou amigos, por exemplo), ao invés de serem narrados sob concepções fundamentalistas e com viés teocrático, que consideram tais atos como uma ameaça à família, crime contra a natureza”, portanto, contra

Deus, como no romance em estudo, no qual os personagens Henrique, Luís e Leão, deixam a tara, o desejo, falar mais alto que os valores e as regras da cultura que os condenam, rompendo o sistema binário, os tabus e as amarras sociais.

É possível afirmar que houve uma tentativa de se esconder, negar e ignorar essa literatura, seja invisibilizando seus personagens, seja os autores e que, mesmo hoje, na contemporaneidade, ainda existe uma dificuldade dos autores em publicá-las e divulgá-las em grandes editoras, como percebemos em relação a obra *Henrique* (2001), que foi publicada pela Domínio Público, de pouco acesso e divulgação.

Por fim, assumimos que nossa escolha em discutir sobre a questão do incesto e da sexualidade no romance *Henrique* (2001) é um ato político, visto que o referido romance recria narrativas do sujeito gay, fala desses tantos meninos iguais que nascem com o sol em Áries e a lua em Leão e muitas vezes na escola são chacoteados, rejeitados pela família e pela Igreja amaldiçoados, pela lei, negligenciados e executados simbólica e fisicamente pela sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. **Morangos morcados**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.
- ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: Ática, 2004.
- ALENCAR, José de. **O Guarani**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1975.
- AMADO, Jorge. **Suor**. Posfácio de Luiz Gustavo Freitas Rossi. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- AMADO, Jorge. **O país do carnaval**. 41. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- AMADO, Jorge. **Jubiabá**. 35. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior. 50. ed. São Paulo: Martins, 1975.
- ALEXANDRIAN, Sarane. *História da literatura erótica*. Tradução de Ana Maria Scherer e José Laurênio de Mello. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994 apud SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *Literatura de Língua Portuguesa e Homoafetividade: O aspecto político na ficção contemporânea*. In: CAMARGO, Fábio Figueiredo; GARCÍA, Paulo César. **Homocultura e Linguagens**. Salvador: EDUNEB, 2016, p. 79-106.
- ALFACE, Felipe. **Cicatrizes e tatuagens**. São Paulo: GLS, 2007.
- ALVES, Rubens. **O gato que gostava de cenouras**. São Paulo: Loyola, 2001.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 38. ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2007.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- BANDEIRA, Pedro. **A Droga da Obediência**. São Paulo: Moderna, 1992.
- BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006 apud SILVA, Rodrigo dos Santos Dantas da; CARVALHO, Tamiris Aparecida Apolinária. *O Homoerotismo na Perspectiva Da Literatura Brasileira*. In: **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**. Paraíba, 2015. Anais, Paraíba: UFPB, 2015. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/10753> . Acesso em 05 de março de 2021.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo II**: a experiência vivida. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BENTO, Berenice Bento. **A reinvenção do corpo**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

BEUTTENMULLER, Alberto; BETTIN, Marcia. **O mistério do Azul-Turquesa**. São Paulo: Atual, 1992.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. Edição Pastoral.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. Crocodilo, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. Direito à Literatura. **Vários Escritos**. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CAMARGO, Flávio Pereira. Relações Sexuais Homoeróticas na Literatura: o lugar do sujeito. *In*: CAMARGO, Fábio Figueiredo; GARCÍA, Paulo César. **Homocultura e Linguagens**. Salvador: EDUNEB, 2016, p.143-171.

CAMINHA, Adolfo. **O Bom Crioulo**. São Paulo: DCL, 2014.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El Rei D. Manuel**. Dominus. *In*: Publicações eletrônicas. São Paulo: Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística, 1963. Disponível em:[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/literatura/obras\\_completas\\_literatura\\_brasileira\\_e\\_portuguesa/PERO\\_VAZ\\_CAMINHA/CARTA/CARTA.PDF](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/literatura/obras_completas_literatura_brasileira_e_portuguesa/PERO_VAZ_CAMINHA/CARTA/CARTA.PDF). Acesso em 05 de março de 2021.

CAMPOS; GOMES; GODOY. **O incesto na Literatura e na História**. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 31, n. 1, p. 252-272, jan./jun. 2016.

CAPUCHO, Luís. **Ratos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

CAPUCHO, Luís. **Cinema Orly**. Rio de Janeiro: Interlúdio, 1999.

CARRASCO, Walcyr. **Meus dois pais**. São Paulo: Ática, 2010.

CARVALHO, Gilmar de. Literatura e homoerotismo: alteridade e paixão. *In*: VALE, Alexandre Fleming Câmara; PAIVA, Antonio Crístian Saraiva (orgs.). Estatística da sexualidade. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Campina: Pontes, 2006, p. 229-240 apud SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **A história da literatura brasileira e a literatura gay**: aspectos estéticos e políticos. Maceió: Leitura, n 49, 2012, p. 83-108.

DALCASTAGNÉ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.º 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, p. 13-71.

DALCASTAGNÉ, Regina. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nª 20, Brasília, julho/agosto de 2002, p. 33-77.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. Dialogismo entre textos bíblicos e poemas de Valdo Motta na construção do tema homoerótico. *In*: MITIDIÉRI, André Luís; CAMARGO, Flavio Pereira. **Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais**. Ilhéus-BA: Editus, 2015, p. 77-96.

LEAL, Lourenço Ferreira da Silva. **Um homem gasto**: episódio da história social do século XIX – estudo naturalista. Rio de Janeiro: Matheus, Costa & C., 1885.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. **Bakhtiniana**, São Paulo, v.1, n.1, p.115-126, 1º sem. 2009.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade I**: A Vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, S. Totem e tabu. *In*: **Totem e tabu**: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GARCÍA, Paulo César. Escritas Indóceis. Falas Autorizadas. *In*: CAMARGO, Fábio Figueiredo; GARCÍA, Paulo César. **Homocultura e Linguagens**. Salvador: EDUNEB, 2016, p. 231-254.

GARCÍA, Paulo César Souza. Imagens do Homoerotismo na Ficção Baiana. *In*: MITIDIÉRI, André Luís; CAMARGO, Flavio Pereira. **Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais**. Ilhéus-BA: Editus, 2015, p.217-239.

GARCÍA, Paulo César. Representações da diversidade sexual em narrativas de ficção da atualidade. *In* **CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH**. Volume 1. Número 1. Salvador: UFBA, 2012.

GASTALDI, A. *et al.* **Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020**: Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia. Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021.

GOMES, Kamila Torres dos Santos Ignacchiti Lopes. **Filiação incestuosa**: aspectos bioéticos e jurídicos. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/44575>. Acesso em 30 de junho de 2021.

GUIMARÃES, Hugo. **Poesia gay underground**: histórias e glória São Paulo: Annablume, 2008.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

- INÁCIO, Emerson da Cruz. Para uma estética pederasta. In: COSTA, Horácio et al. (Org.). *Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2010 apud GARCÍA, Paulo César Souza. *Imagens do Homoerotismo na Ficção Baiana*. In: MITIDIÉRI, André Luís; CAMARGO, Flavio Pereira. **Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais**. Ilhéus-BA: Editus, 2015, p.217-239.
- JAF, Ivan. **Longe dos Olhos**. 2. ed. São Paulo: *Ática*, 2008.
- LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LEILLA, Álex. **Primavera nos ossos**. São Paulo: Casarão do verbo, 2010.
- LEILLA, Álex. **O sol que a chuva apagou**. Salvador: P55 Edições, 2009.
- LEILLA, Álex. **Urbanos**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1997.
- LEILLA, Álex. **Henrique**. Salvador: Domínio Público, 2001.
- LEMOS, Saulo. A inexistência da literatura ‘invertida’. In: VALE, Alexandre Fleming Câmara; PAIVA, Antonio Crístian Saraiva (orgs.). *Estatística da sexualidade*. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Sociologia; Campina: Pontes Editora, 2006, p. 257-267 apud SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos**. Maceió: *Leitura*, n 49, 2012, p. 83-108.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Estruturas elementares do parentesco*. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982. In: SANTOS, Aline Nery dos. **Conflitos familiares, transgressão e revolta: elementos de uma lavoura destruída**. Feira de Santana, 2015.
- LUGARINHO, Mário César. Nasce a literatura gay no Brasil: reflexões para Luis Capucho. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da (Org.). **Aspectos da literatura gay**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2008.
- MACFARLANE, Aindan; MCPHERSON, Ann. **Diário de Adolescente Hipocondríaco**. Tradução de André Cardoso. São Paulo: 34. ed,1993.
- MALUCO, Capadócio. O menino do Gouveia. In: GREEN, James; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- MARINHO, João Carlos. **Sangue Fresco**. 25.ed. São Paulo: Global Editora, 1996.
- MEIJER, Irene; PRINS, Baukj. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/vy83qbL5HHNKdzQj7PXDdJt/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 de junho de 2021.
- NOLL, João Gilberto. **O quieto animal das esquinas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- NOLL, João Gilberto. **Hotel Atlântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

NOLL, João Gilberto. **Bandoleiros**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

OLIVEIRA, Josemara Carvalho de. **O Complexo de Édipo e suas múltiplas interpretações**. Rev. CEP de PA, v. 23, 2016, p. 147- 169.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. 16. ed., São Paulo: Ática, 1996.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1938.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Ariel, 1934.

RAZON, Laure. **Enigma do incesto: da fantasia à realidade**. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007. *In*: SANTOS, Aline Nery dos. **Conflitos familiares, transgressão e revolta: elementos de uma lavoura destruída**. Feira de Santana, 2015.

RIBONDI, Alexandre. **Na companhia dos homens**. São Paulo: Summus, 1999.

SANTIAGO, Silviano. **Stella Manhattan**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SEDGWICK, Eve K. *Between men: English Literature and Male Homosocial Desire*. New York: Columbia University Press, 1985 apud CAMARGO, Flavio Pereira; FALCÃO, Maria de Fátima Lopes Vieira. *Eu amo Abel como a mim mesmo e o amor de Deus é o mesmo dentro de nós: A dessacralização do divino na obra “Em nome do desejo” de João Silvério Trevisan*. *In*: MITIDIARI, André Luís; CAMARGO, Flavio Pereira. **Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais**. Ilhéus-BA: Editus, 2015, p. 165-189.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. *Literatura de Língua Portuguesa e Homoafetividade: O aspecto político na ficção contemporânea*. *In*: CAMARGO, Fábio Figueiredo; GARCÍA, Paulo César. **Homocultura e Linguagens**. Salvador: EDUNEB, 2016, p. 79-106.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos**. Maceió: Leitura, n 49, 2012, p. 83-108.

SILVA, Liliam Ramos da. **Não me chame de Mulata: uma reflexão sobre a tradução em literatura afrodescendente no Brasil no par de línguas espanhol-português**. Trabalho de Linguística Aplicada. Campinas, nº 57.1, p.71-88, jan/abr. 2018.

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Teoria da Literatura**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2007.

SOUZA, Warley Matias de. *Literatura Homoerótica: O homoerotismo em seis narrativas brasileiras*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte 2010. *In*: SILVA, Rodrigo dos Santos Dantas da; CARVALHO, Tamiris Aparecida Apolinária. *O Homoerotismo na Perspectiva Da Literatura Brasileira*. *In*: **XI COLOQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**. Paraíba, 2015. Anais, Paraíba: UFPB, 2015. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/10753> . Acesso em 05 de março de 2021.

THIESSE, Anne-Marie. *La création des identités nationales. Europe XVIII- XX esiècle*. Paris: Editions du Seuil, 1999. *In*: FIORIN, José Luiz. **A construção da identidade nacional brasileira**. BAKHTINIANA, São Paulo, v.1, n.1, p.115-126, 1º sem. 2009.

TRINDADE, Lima. **Corações, Blues e Serpentinhas**. São Paulo: Arte Pau Brasil, 2007.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. Rio de Janeiro: L&PM, 2001.

WERNER, Dennis. Culturas Humanas. Petrópolis: Vozes, 1987. *In*: CAMPOS; GOMES; GODOY. **O incesto na Literatura e na História**. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 31, n. 1, p. 252-272, jan./jun. 2016.